

Apontamentos sobre a Primeira Edição
Francesa d'*O Capital*



Capa da 1ª edição francesa d'*O Capital*. Reimpressão da obra, em Paris, pela Librairie du Progrès, no ano de 1885. Fonte: Marx, 2018, p. 01.

Por **RODRIGO MAIOLINI REBELLO PINHO***

I. As Edições do Livro I d'O Capital

Muitas são as edições e traduções do Livro I d'*O Capital*, o único dos livros da obra maior publicado em vida por Marx. Em vida, foram quatro as edições e duas as traduções. Apareceram a primeira e a segunda edições alemãs, uma russa e a francesa. As traduções, logo, foram duas: para o russo e para o francês. Marx acompanhou a tradução russa, a primeira de todas, manteve ativa interlocução com seus tradutores e ao final a elogiouⁱ. Na tradução francesa, foi muito além: ele a reescreveu por completo. O fato de ela ter sido inteiramente reescrita pelo próprio autor, à medida que revisava a tradução amiúde, confere à obra caráter original e propicia uma oportunidade ímpar: a de comparar versões que possuem essa comum qualidade de originais, utilizando uma para iluminar a outra ou para desvelar suas distinções.

Não fosse o atributo da originalidade possuído pela edição francesa suficiente para que ocupasse um lugar próprio na bibliografia marxiana (é uma obra de Marx, não apenas uma tradução)ⁱⁱ, o que marca primordialmente sua importância é o fato de que, dentre todas as edições do Livro I, a francesa é a última escrita por Marx. Isto é, ela é posterior à 2ª edição alemã; a 3ª alemã já está entre as mãos de Engels e é publicada pouco depois da morte de Marx, ainda em 1883; e a 4ª, apresentada por Engels como “a mais definitiva possível”, aparece em 1890. São póstumas, portanto, a 3ª e a 4ª edições alemãs, sendo que a última serve de base à maior parte das edições estrangeiras, inclusive às brasileiras.

O resumo cronológico das publicações do Livro I, ao longo dos 16 anos que correm entre sua primeira publicação, em 1867, e a morte de Marx, em 1883, é o seguinte:

- 1ª edição alemã, 1867, com tiragem de apenas mil exemplares, que, segundo o pesquisador francês Maximilien Rubel, custava caro para os padrões da época (3,5 táleres, uma média de 1 semana de trabalho de um operário) e demorou 5 anos para esgotarⁱⁱⁱ;
- 1ª edição russa, março de 1872, 3 mil exemplares, vendendo mil em menos de dois meses^{iv};
- 2ª edição alemã, inicialmente publicada em 09 fascículos de julho de 1872 a março de 1873 e depois num só corpo, em maio de 1873, com tiragem de três mil exemplares;
- 1ª edição francesa, publicada primeiro em 44 fascículos, com oito páginas cada, vendidos 5 por vez, de agosto de 1872 até maio de 1875 e depois num só corpo com tiragem de dez mil exemplares, a maior até aquele momento.

(Cfr. Rubel, 1968, pp. 102 e 106)

Foi, portanto, dentre todas, a francesa a última edição publicada d'*O Capital* em que Marx botou suas próprias mãos à obra, revisando-a integralmente, reescrevendo-a e acompanhando passo a passo a sua publicação.

II. As Críticas de Engels

Era a partir da sua edição francesa que Marx planejava realizar mudanças para uma 3ª e uma 4ª edições alemãs. Morreu, porém, antes que pudesse publicá-las. Foi Engels quem assumiu o encargo de levar a cabo o empreendimento, responsabilizando-se pelas decisões de incorporar ou não as alterações efetuadas e, em caso positivo, também pelo modo como incorporá-las.

Ocorre, porém, que Engels tinha críticas graves quanto à tradução francesa e especialmente quanto ao plano de utilizá-la como base para as traduções ulteriores do Livro I. Essas críticas, aliás, ele já as expunha desde a publicação da 1ª edição, mas naquele momento não produziram, claro, qualquer efeito, já que Marx era vivo e tinha as edições sob seu controle. Com a morte de Marx, porém, as críticas subsistentes de Engels passaram a produzir consequências no interior da obra, isto é, no texto, como veremos no tópico seguinte.

Vejamos aqui as críticas.

Ainda em fevereiro de 1868 (02/02/1868), quando enfrentavam dificuldades para encontrar um tradutor para o francês, Engels já deixa antever seu modo de conceber a questão quando, num tom de gracejo, escreve a Marx:

“É realmente sua culpa: se você escreve de modo estritamente dialético para a ciência alemã, então depois, quando se trata de traduções, particularmente para o francês, você cai em malignas mãos” (Engels, 2010a, V. 42, p. 534)

Em outra carta, ao ler uma parte da tradução francesa, Engels mostra que sua crítica era ainda mais grave: afronta não apenas a tradução, mas também a própria língua francesa daqueles tempos, que retiraria do texto de Marx nada mais que seu “vigor e vitalidade e vida”. Em 29 de novembro de 1873, ele adverte Marx nos seguintes termos:

“Caro Mouro, [...] Ontem eu li o capítulo sobre a legislação de fábrica na tradução francesa. Com todo o respeito pela habilidade com que esse capítulo foi traduzido em francês elegante, eu ainda lamentei o que foi perdido neste belo capítulo. Seu vigor e vitalidade e vida foram aos diabos. A chance de um escritor comum expressar-se com uma certa elegância foi comprada castrando a língua. Está se tornando cada vez mais impossível pensar originalmente na camisa de força do francês moderno. Tudo de vistoso ou vital é removido

tão só pela necessidade, que se tornou essencial em quase todo lugar, de se curvar aos ditames de uma lógica formal pedante e de trocar de posição as frases. Penso que seria um grande erro tomar a versão francesa como um modelo para a tradução inglesa. Em inglês, o poder de expressão do original não precisa ser mitigado; o que quer que tenha que ser inevitavelmente sacrificado nas passagens genuinamente dialéticas pode ser compensado em outras pela maior energia e brevidade da língua inglesa” (Engels, 2010a, v. 44, pp. 540/541)

A afirmação de Engels é muito grave^v. A língua francesa de então – e lembremos: a língua francesa de então era aquela de Victor Hugo (1802-1885), de Balzac (1799-1850) e de outros - castraria a expressão escrita e, pior, chegaria a impossibilitar um pensar original, pondo uma camisa de força, que acabaria por afastar o que é vistoso e aniquilar o que é vivo. Por tudo isso, a tradução para o francês resultaria do sacrifício do texto alemão, notadamente nas assim chamadas “passagens genuinamente dialéticas”, razão pela qual não haveria de ser a partir da edição francesa que haveriam de partir outras traduções.

Pouco depois, sem alongar-se quanto à advertência que lhe foi feita, Marx sucintamente objetou:

“Caro Fred [...] agora que você está dando uma olhada na tradução francesa do Capital, eu ficaria grato se você pudesse perseverar nisso. Penso que você vai descobrir que algumas passagens são superiores à alemã” (Marx, 2010a, v. 44, p. 543)^{vi}

Em sua réplica, Engels cedeu parcialmente, isto é, manteve sua consideração depreciativa da língua francesa, mas aceitou, naquele momento, como melhores as partes da edição francesa que Marx havia revisado. Ele diz então que passagens em francês poderiam até ser superiores, por causa da revisão de Marx, mas apesar das alegadas amarras da língua.

“Caro Mouro [...] Até agora eu acho que o que você *revisou* é de fato melhor que a alemã, mas nem o alemão nem o francês têm qualquer coisa a ver com isso” (Engels, 2010a, v. 44, p. 545)

Fato é que, de tão arraigado, o modo como Engels via a edição francesa sobreviveu à morte de Marx (14 de março de 1883). Lembremos ser posterior à morte do autor a publicação, por Engels, da 3ª e da 4ª edições alemãs do Livro I. Diz ele, em 29 de junho de 1883:

“A 3ª edição do Capital está me gerando uma tremenda quantidade de trabalho. Temos uma cópia em que Marx segue a edição francesa quando indica as emendas e acréscimos a se fazer, mas todo o trabalho detalhado resta por fazer. Eu cheguei até a ‘Acumulação’, mas aqui é caso de revisar quase que completamente a seção teórica inteira. Ainda por cima, há a responsabilidade. Pois em certa medida a tradução francesa carece da profundidade do texto alemão; Marx nunca teria escrito em alemão dessa maneira” (Engels, 2010a, Vol. 47, p. 42)

Aqui, deixa-se claro que foi mesmo isolada aquela concessão parcial de Engels na divergência epistolar com Marx, pois aqui Engels uma vez mais confirma que o objeto de suas críticas era tanto a língua francesa da época como a edição francesa de Marx. Pesavam não só sobre J. Roy, mas também sobre Marx, as amarras da língua francesa. Ora, haveria como a edição francesa passar incólume diante dos defeitos de uma língua que castraria a expressão escrita, colocaria uma camisa de força no pensamento e jogaria por água abaixo o vigor e a vitalidade e a vida do texto? Realmente, a partir dessas premissas, não haveria como Engels aceitar que o texto francês tivesse a mesma profundidade do alemão.

Não por acaso, em 07 de junho de 1893, Engels especula, acerca de uma tradução italiana, o seguinte: “A tradução apenas a partir da edição francesa não seria perfeita, uma vez que o italiano cai melhor no

estilo filosófico do autor” (Engels, 2010a, V. 50, p. 151)^{vii}. Portanto, a versão francesa, elaborada pelo mesmo Marx, mostra-se, aos olhos deste terceiro (ainda que Engels), menos apropriada ao “estilo filosófico” alemão de Marx, já que em francês não lhe cai bem “o estilo filosófico do autor”.

Engels reafirmou a posição que sustentou nas cartas, também, publicamente: nos prefácios que publicou ao Livro I depois da morte de Marx (Prefácio da 3ª edição alemã, Prefácio da edição inglesa, Prefácio da 4ª edição alemã). Esses textos, quanto ao aspecto ora analisado, destoam nitidamente do que o próprio Marx dispôs no Posfácio da 2ª edição alemã e no Aviso ao Leitor da edição francesa, levados à público em vida e com precedência (como veremos adiante).

No primeiro prefácio de Engels ao Livro I (o Prefácio da 3ª edição alemã, de 07 de novembro de 1883), ele diz que as mudanças que efetuou no texto partiram de duas fontes principais: um exemplar anotado da edição alemã e um exemplar anotado da edição francesa. Engels também dá a entender que as indicações de Marx constantes das referidas edições anotadas teriam sido cumpridas de modo não apenas parcial, mas integralmente. Vejamos:

“Inicialmente, Marx planejava reelaborar extensamente o texto do volume I, formular de modo mais preciso diversos pontos teóricos, acrescentar outros novos e complementar o material histórico e estatístico com dados atualizados. Seu estado precário de saúde e a ânsia de concluir a redação definitiva do volume II obrigaram-no a renunciar a esse plano. **Devia-se modificar apenas o estritamente necessário e incorporar tão somente os acréscimos já contidos na edição francesa** (*Le capital. Par Karl Marx*, Paris, Lachâtre, 1873), publicada nesse ínterim.

No espólio, encontrou-se um exemplar da edição alemã, corrigido por Marx em alguns trechos e com referências à edição francesa; encontrou-se também um exemplar da edição

francesa, com indicações precisas das passagens a serem utilizadas. **Essas modificações e acréscimos se limitam, com poucas exceções, à última parte do livro, à seção ‘O processo de acumulação do capital’.** Nesse caso, o texto publicado até agora seguia, mais que em outros, o plano original, ao passo que as seções anteriores haviam sofrido uma reelaboração mais profunda. O estilo era, por isso, mais vivo, mais resolutivo, mas também mais descuidado, salpicado de anglicismos e, em certas passagens, obscuro; o percurso da exposição apresentava lacunas aqui e ali, posto que alguns pontos importantes haviam sido apenas esboçados.

Quanto ao estilo, o próprio Marx submeteu vários capítulos a uma cuidadosa revisão, que, juntamente com frequentes indicações transmitidas oralmente, forneceram-me a medida de até onde eu poderia ir na supressão de termos técnicos ingleses e outros anglicismos. **Sem dúvida, Marx teria reelaborado os acréscimos e complementos, substituindo o francês polido pelo seu próprio alemão conciso; tive de me contentar em traduzi-los, ajustando-os o máximo possível ao texto original.**

Nesta terceira edição, portanto, nenhuma palavra foi alterada sem que eu não tivesse a certeza de que o próprio autor o faria” (Marx, 2017, pp. 97/98, grifos meus)

Essa passagem evidencia que Engels considerava ser limitado o alcance das alterações de teor trazidas pela edição francesa. Ele supunha ainda que, quando fosse incorporar as novidades do texto francês no alemão, Marx iria reelaborar esses novos complementos e acréscimos feitos na francesa, assim como substituiria seu “francês polido” por seu “alemão conciso”.

Depois, no Prefácio da edição inglesa, de 05 de novembro de 1886, conta Engels que:

“Acertou-se [com o tradutor] que eu deveria cotejar o manuscrito com a obra original e sugerir as alterações que me parecessem aconselháveis [...] A terceira edição alemã, na

qual se baseou inteiramente nosso trabalho, foi preparada por mim, em 1883, com auxílio dos apontamentos deixados pelo autor, nos quais ele indicava as passagens da segunda edição que se deviam substituir por determinadas passagens do texto francês, publicado em 1873 [Nota de Rodapé de Engels: *‘Le Capital’ par Karl Marx. Traduction de M. J. Roy, entièrement révisée par l’auteur* (Paris, Lachâtre). Essa tradução, especialmente em sua última seção, contém consideráveis alterações e acréscimos ao texto da segunda edição alemã]. As alterações assim efetuadas no texto da segunda edição coincidiam, de modo geral, com as mudanças prescritas por Marx numa série de instruções manuscritas para uma tradução inglesa que se planejara publicar na América dez anos atrás, mas que fora abandonada principalmente por falta de um tradutor capaz e adequado. Esse manuscrito nos foi colocado à disposição por nosso velho amigo, o sr. F. A. Sorge, de Hoboken, Nova Jersey. Nele se encontram indicações adicionais de trechos da edição francesa a serem inseridos no texto-fonte da nova tradução; porém, sendo esse manuscrito anterior em muitos anos às últimas instruções deixadas por Marx para a terceira edição, não me julguei autorizado a fazer uso delas a não ser em raras ocasiões, especialmente quando nos ajudavam a superar dificuldades^{viii}. **Do mesmo modo, o texto francês foi referido, na maioria das passagens difíceis, como um indicador daquilo que o próprio autor estava disposto a sacrificar, sempre que algo do sentido integral do texto original tivesse de ser sacrificado na tradução**” (Marx, 2017, p. 102, grifo meu)

Vemos, pois, a valia que Engels atribuía à edição francesa. As “consideráveis alterações e acréscimos”, reconhecidas por Engels no rodapé, têm sua serventia indicada no corpo do texto: a de mostrar até que ponto a tradução poderia sacrificar “algo do sentido integral do texto original”. Ora, assim se está a dizer o seguinte: i) que a edição francesa seria útil para indicar um limite de renúncia do sentido do “texto original” pela tradução, de modo que esta evidentemente não teria igual

estatura daquele; ii) que Engels não trata a edição francesa como um “texto original” de Marx, mas como uma mera tradução. Essa postura de Engels segue suas próprias críticas epistolares antecedentes; ela, assim, manteve-se contrária ao que foi positivamente dito pelo autor, tanto nas cartas como, publicamente, na edição francesa mesma, em especial no seu Aviso ao Leitor (como veremos).

A impressão, mencionada anteriormente, de que a execução das recomendações constantes dos exemplares anotados por Marx havia se exaurido na 3ª edição alemã é desfeita no Prefácio da 4ª edição alemã, de 25 de junho de 1890. Com efeito, Engels revela que consultas renovadas às edições anotadas pelo próprio autor levaram a novos acréscimos. Vejamos:

“A quarta edição exigiu-me uma configuração a mais definitiva possível, tanto do texto quanto das notas. A seguir, algumas palavras sobre como respondi a essa exigência. **Depois de renovadas consultas à edição francesa e às notas manuscritas de Marx, inseri no texto alemão alguns acréscimos tomados da primeira [isto é, da edição francesa].** Eles se encontram na p.130 (3. ed., p. 88), p. 517-19 (3. ed., p. 509-10), p. 610-13 (3.ed., p. 600), p. 655-7 (3. ed., p. 644) e na nota 79 da p. 660 (3.ed., p. 648). Do mesmo modo, seguindo os precedentes das edições francesa e inglesa, agreguei ao texto (4. ed., p. 519-25) a longa nota sobre os trabalhadores das minas (3.ed., p. 509-15). As demais modificações, de pouca importância, têm natureza puramente técnica” (Marx, 2017, p. 105, grifos e sublinhado meus)

Como se vê, na assim chamada “configuração a mais definitiva possível” da obra, Engels não fez menção, tal qual nos demais prefácios seus, ao valor científico independente do original atribuído por Marx (como veremos), de modo público, precisamente à edição francesa (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 348); sequer mencionou também a recomendação

expressa do autor aos leitores de língua alemã para que consultassem a edição francesa (veremos adiante).

Portanto, essa abordagem de Engels acabou fazendo com que fossem significativamente deixadas de fora das edições póstumas um sem-número de novas formulações que Marx não só pensou, mas que pôs com suas próprias mãos no texto mesmo da edição francesa. Os editores da MEGA^{2ix}, assinala o pesquisador Kevin Anderson, reuniram partes deixadas de fora por Engels na 4ª edição alemã em um anexo de 50 (cinquenta) páginas no aparato crítico da obra (Anderson, 2019, p. 260). Até mesmo passagens que Marx expressamente havia indicado que deveriam ser inseridas numa próxima edição não foram incluídas por Engels nas edições alemãs seguintes (Anderson, 2019, p. 264), notadamente na quarta, por ele qualificada, é importante repetir, como “a mais definitiva possível” (Engels in Marx, 2017, p. 105). Como diz Michael Heinrich:

“O Volume 1, na mais difundida quarta edição de 1890, é uma mistura da segunda edição alemã de 1872 com a edição francesa de 1872-1875. **Engels incluiu algumas das mudanças da tradução francesa, mas não todas**, resultando que o volume 1 hoje em dia existe numa forma que Marx nunca conheceu” (Heinrich, 2018, p. 21, grifo meu)^x

Assim, que as intenções fossem as melhores é algo de que não se duvida, mas o caso aqui é de um editor que acabou se apropriando da obra como se autor fosse. Se Engels, no prefácio ao Livro II d’*O Capital* enfatizara que era uma obra “exclusiva do autor e não do editor”^{xi}, ele mesmo, quando lidou com a edição francesa do Livro I, não procedeu coerentemente. O tratamento impróprio que Engels dispensou à edição francesa é acusado enfaticamente por Kevin Anderson, que assevera:

“A coisa mais generosa que poderia ser dita sobre a edição de Engels do Livro I de *O Capital* é que ele nos deixou com uma edição incompleta apresentada como uma versão definitiva. Não obstante, no prefácio da 4ª edição alemã, de 1890, ele

escreve que havia estabelecido ‘uma configuração a mais definitiva possível tanto do texto quanto das notas’. Apesar disso, Engels deixou de fora o prefácio e o posfácio de Marx à edição francesa [...] Uma crítica mais contundente de Engels poderia ser feita [...] com base na noção de que Marx queria que a edição francesa fosse o padrão para as edições e traduções subsequentes” (Anderson, 2019, p. 265) [Isso] “faz parte de um problema maior: separar o trabalho de Marx dos marxistas pós-Marx, a começar por Engels^{xiii}” (Anderson, 1997, p. 136).

III. Exemplos de Mudanças

Vejamos, a título de ilustração, uma seleção concisa de mudanças efetuadas por Marx na tradução francesa e que não foram reproduzidas nas posteriores alemãs, de Engels. As referências aos trechos dessa 4ª edição alemã serão feitas segundo a tradução de Rubens Enderle publicada pela editora Boitempo.

Nada custa notar a primeira mudança, pois ela está no título. Em todas as edições anteriores à francesa, a obra é intitulada *O Capital – Crítica da Economia Política*. Crítica da economia política é, assim, o subtítulo da 1ª edição alemã, da 2ª edição alemã e da primeira edição russa (Rubel, 1968, p. 102). Esse subtítulo foi mantido por Engels na terceira e na quarta edições alemãs. Já na primeira edição em língua inglesa, feita por Engels em 1886, ele foi bastante modificado; título e subtítulo assim restaram: “Capital. Uma análise crítica da produção capitalista” (Marx, 1990, p. 03); como se vê, a *economia política* saiu e adentraram uma *análise* e a *produção capitalista*, tornando-se ainda a *crítica* um atributo da *análise*. E na edição francesa? Na edição francesa o subtítulo foi suprimido por Marx; a obra recebeu, de todas as versões, o título mais conciso: “O Capital”. Assim, a diferença já começa pela capa, e salta aos olhos.

Uma hipótese idônea para explicar essa supressão de Marx é a de que ele não tencionaria que sua obra parecesse ser uma crítica apenas de um corpo teórico, de um conjunto de ideias, pois que era uma crítica de um determinado modo de produção da vida material: o modo de produção capitalista. Noutros termos, ele não pretenderia que fosse uma crítica cingida à “disciplina” da economia política, mas sim da própria vida social sob a regência do capital.

A estrutura do texto também foi totalmente reformada por Marx. Há mudanças na disposição dos capítulos e das seções, na paragrafação (geralmente mais reduzida), nos períodos (diversas vezes divididos, outras reunidos). Quanto ao teor, há um sem-número de acréscimos e reelaborações e, por vezes, subtrações até. Em suma, na forma e no conteúdo (por assim dizer) há acréscimos, subtrações, divisões e transformações.

Vejam os a mudança na divisão de capítulos e seções. Na edição alemã são 7 seções repartidas em 25 capítulos; na francesa, 8 seções, em 33 capítulos.

Foram os capítulos 4 e 24 da edição alemã os que tiveram sua disposição alterada. Na alemã, o *Capítulo IV: A Transformação do dinheiro em capital* está dividido em três itens: 1. *A fórmula geral do capital*, 2. *Contradições da fórmula geral*, 3. *A compra e a venda da força de trabalho*. Na francesa, cada um dos itens tornou-se um capítulo, os capítulos IV, V e VI. O que era um transformou-se em três. Igual procedimento foi aplicado no capítulo 24 (*A Assim chamada acumulação primitiva*), convertendo-se cada um de seus itens em capítulos próprios. O que era um transformou-se em sete.

Na divisão de seções, são sete as da alemã e oito as da francesa. A mudança incidiu na sétima e última seção da edição alemã (*O processo*

de acumulação do capital), repartida em duas na francesa (a sétima, *Acumulação de Capital*, e a oitava, *A Acumulação Primitiva*).

Isso quanto à disposição dos capítulos e seções. No que toca ao teor do texto, veremos uma mudança no Prefácio – que foi observada e teve sua repercussão examinada por Kevin Anderson (2019, p. 267) – outra no capítulo do processo de trabalho e mais à frente uma supressão.

No Prefácio da 1ª edição alemã, Marx escreveu: “O país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar **ao menos desenvolvido** a imagem de seu próprio futuro” (Marx, 2017, p. 78, grifo meu). Marx modificou o texto até mesmo do Prefácio da 1ª edição alemã, sendo que essa passagem recebeu uma alteração importante, assim restando sua redação final na edição francesa: “O país mais desenvolvido industrialmente não faz senão mostrar **àqueles que o seguem na escalada industrial** a imagem de seu próprio devir” (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 10; grifo meu). Engels não incorporou nem indicou essa mudança.

Uma segunda alteração consta do item 1, *O Processo de Trabalho*, do capítulo quinto, *Processo de Trabalho e Processo de Valorização* (que, veja-se desde já a diferença, na edição francesa localiza-se no item I, *Produção de Valores de Uso*, do capítulo sétimo, *Produção de Valores de Uso e Produção de Mais-Valia^{xiii}*). Na alemã, ao elencar os três “momentos simples” (“elementos simples” na edição francesa) do processo de trabalho (que são trabalho, meio de trabalho e objeto do trabalho), Marx dizia ser o trabalho “**a atividade orientada a um fim**, ou o trabalho propriamente dito” (Marx, 2017, pp. 255/256, grifo meu). Já na edição francesa Marx diz: “**atividade pessoal do homem**, ou trabalho propriamente dito” (Marx, 1872/1875 e 2018, pp. 76 e 77; grifo meu). Outra mudança não incorporada nem indicada por Engels.

A última mudança que indicaremos é a supressão (notada já por Maximilien Rubel) que Marx fez de um trecho bastante conhecido da edição alemã, que consiste em uma digressão sobre a subsunção formal e real do trabalho e da indústria ao capital, sobre a extração do mais-valor em formas híbridas e sobre a aparência de identidade entre os métodos absoluto e relativo de produção do mais-valor. Esse trecho de cerca de 40 linhas foi, pois, excluído do Capítulo XVI, *Mais-Valia Absoluta e Mais-Valia Relativa*, da Seção V, *Novas investigações sobre a produção da mais-valia*, da edição francesa (no seguinte tópico correspondente: Capítulo XIV, *Mais-Valor absoluto e relativo*, da Seção V, *A Produção do Mais-Valor Absoluto e Relativo*, da 4ª edição alemã). Na edição brasileira supracitada, a supressão vai de “Ela [Marx trata da produção do mais-valor relativo] supõe, portanto, um modo de produção especificamente capitalista [...]” até “desfaz-se essa aparência de identidade [entre mais-valor absoluto e relativo]”, alcançando cerca de uma página inteira de texto^{xiv} (cfr. Marx, 2017, pp. 578/579; Marx, 1872/1875 e 2018, p. 220; Rubel in Marx, 2008, p. 1007).

Assim, as mudanças partem do título e se espalham por tópicos, capítulos e seções, caudalosamente cobrindo o texto por inteiro^{xv}.

IV. A aventura editorial

Tratemos agora da “aventura editorial excepcional” (Gaudin, 2018, p. 37) que foi o processo de elaboração da edição francesa^{xvi}. Prossigamos com as palavras dos próprios agentes: aqui, as cartas trocadas por Marx com Engels, com seu genro Paul Lafargue, com suas filhas e com seu editor Maurice Lachâtre^{xvii}.

Mas primeiro lembremos que a tradução do Livro I para outras línguas era já objeto da atenção de Marx antes mesmo de sua primeira publicação no ano de 1867. Na correspondência com Engels e com outros

destinatários, a questão era levantada ao menos desde 1865. É fora de dúvida que o intento de Marx era o de que, via de regra, o leitor lesse a obra em sua própria língua sem que precisasse consultar outra edição em língua estrangeira; adiante veremos a única exceção: o leitor de língua alemã haveria de se servir da edição francesa.

Marx dedicava uma especial atenção ao público francês. Assim que foi a Hamburgo entregar o Livro I ao seu editor (para a primeira edição alemã), manifestou a vontade de que ele fosse em seguida publicado em francês, em Paris. Ele disse ao seu correspondente (Ludwig Büchner), em 1º de maio de 1867:

“A razão pela qual eu te escrevo pessoalmente é esta: eu quero a coisa publicada em francês também, em Paris, depois da sua publicação na Alemanha. Eu mesmo não posso ir para lá, ao menos não sem risco, uma vez que eu fui expulso da França, primeiro sob Louis Phillippe, e uma segunda vez sob Louis Bonaparte (Presidente), e por fim eu venho atacando incessantemente o Sr. Louis durante meu exílio em Londres. Eu não posso, portanto, ir pessoalmente perscrutar um tradutor [Marx pede então ao seu correspondente que indique alguém adequado para o trabalho, já que ele mesmo não teria tempo para fazê-lo, e, ao final, acrescenta:] Eu considero que seja da maior importância emancipar os franceses das visões errôneas sob as quais Proudhon, com sua pequena burguesia idealizada, os enterrou [...] sou constantemente confrontado com as consequências mais repugnantes do proudhonismo^{xviii}” (Marx, 2010. V. 42, p. 368).

A busca de um tradutor apropriado prologou-se até o ano de 1872. Nesse ínterim, foram cogitados ou até chegaram a iniciar o empreendimento (sem concluí-lo): Élie Reclus, Moses Hess, Joseph Card e Charles Keller.

Keller, por exemplo, chega até mesmo a enviar para Marx um manuscrito com a tradução do capítulo II do Livro I d'O Capital (que é *O*

Processo de Troca na alemã e *Das Trocas* na francesa). Marx, em 18 de outubro de 1869, devolveu o manuscrito acrescido de suas correções e comentou o seguinte com seu genro Paul Lafargue e sua filha Laura (que faziam a intermediação com Keller):

“Paul e Laura, [...] digam para o Sr. Keller que ele pode prosseguir. No todo, estou satisfeito com a tradução dele, embora careça de elegância e seja feita de modo muito negligente. Ele fará melhor em me enviar todo capítulo por meio de vocês. Quanto ao capítulo IV, eu devo subdividi-lo [...] Em alemão usamos a palavra *‘Process’* (*procès*) para movimentos econômicos, como se diz processo químico, se não me engano. Ele traduz por ‘fenômenos’, o que é absurdo. Se ele não puder encontrar outra palavra, ele deve sempre traduzir por ‘movimento’ ou algo análogo” (Marx, 2010a, V. 43, p. 359/360).

Três comentários sobre essa carta.

Primeiro, nela está o que Marx esperava de uma tradução. Que fosse elegante, cuidadosa e rigorosa no respeito às categorias empregadas. Distinto de Engels, Marx de nenhum modo afirma uma suposta necessidade inelutável de sacrificar o sentido do original.

Segundo, ela anuncia uma mudança na estrutura do Livro I. Temos já aqui a notícia de que ele subdividiria o Capítulo IV na edição francesa, o que ele efetivamente veio a fazer, demonstrando que não eram aleatórias, mas planejadas, as alterações que promovia na obra.

Terceiro, quanto à categoria “processo” (cujo sentido foi aproximado, na carta referida, ao de “movimento”), Marx faz um acréscimo na edição francesa, em uma nota de rodapé, que não foi reproduzida por Engels na 4ª alemã e, logo, não consta das edições brasileiras. Esse acréscimo foi feito no importantíssimo item “O processo de Trabalho” inserido no Capítulo “O processo de trabalho e o Processo de Valorização”, na parte em que ele diz dos “[...] elementos simples em

que se decompõe o processo de trabalho...” e insere a seguinte nota de rodapé:

‘Em alemão, *Arbeits Process* (processo de trabalho). A palavra ‘processo’, que exprime um desenvolvimento considerado no conjunto de suas condições reais, pertence desde muito tempo à língua científica de toda a Europa. Na França foi primeiro introduzida de uma maneira tímida sob sua forma latina - *processus*. Depois ela deslizou, despojada desse disfarce pedantesco, nos livros de química, fisiologia, etc., e em algumas obras de metafísica. Ela acabará obtendo sua carta de naturalização plena. Assinale-se de passagem que os alemães, assim como os franceses, na linguagem ordinária, empregam a palavra processo em seu sentido jurídico” (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 77)^{xix}

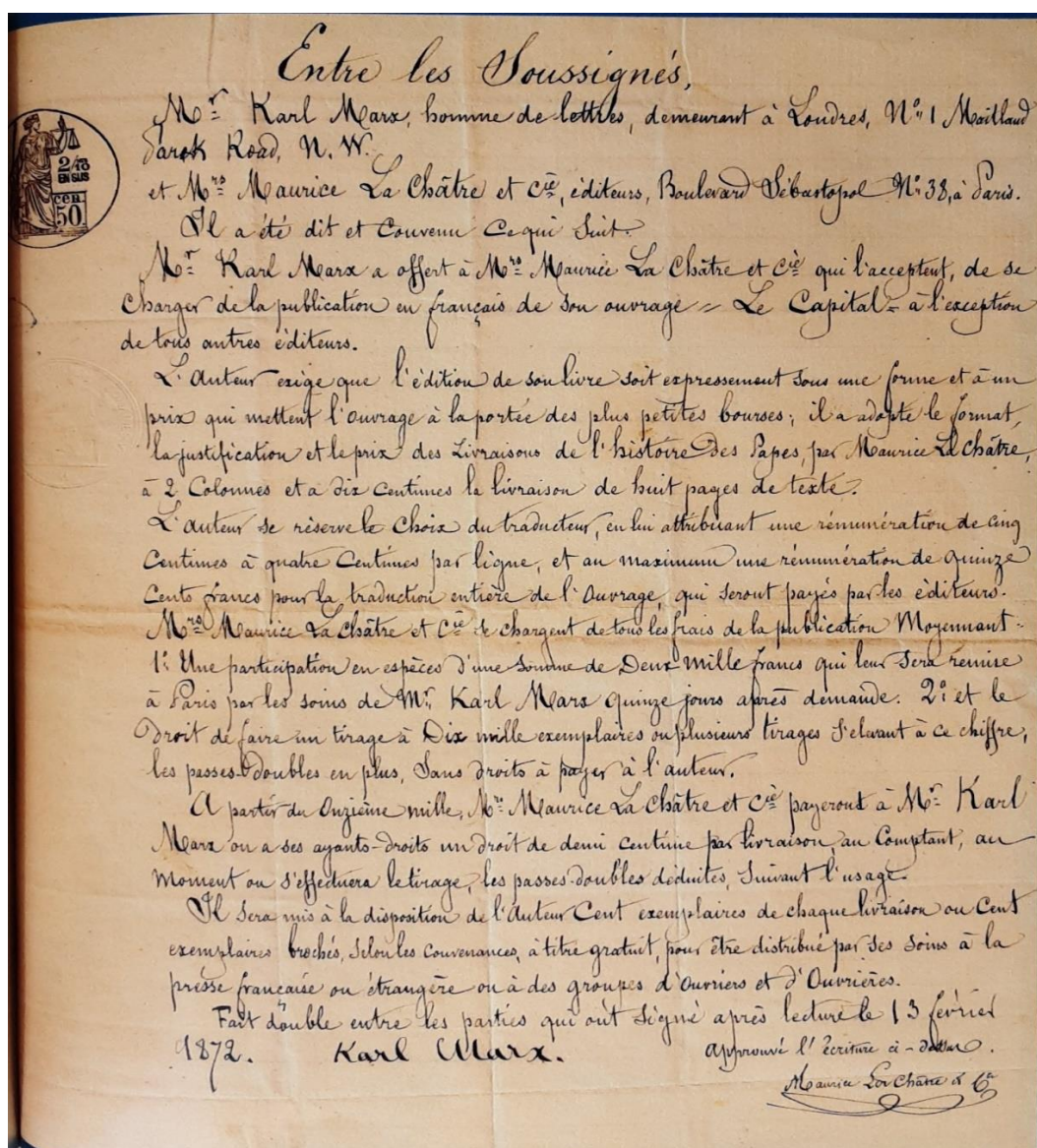
Assim, o que é processo para Marx? É “um desenvolvimento considerado no conjunto de suas condições reais”. Temos aqui, portanto, uma importante adição de conteúdo. Adição essa que pode até ajudar a explicar a mudança do título do Livro I: na edição alemã é “O processo de produção do capital”; na francesa, “O desenvolvimento da produção capitalista”.

Retomemos o caminho que leva à publicação da 1ª edição francesa. Foi por volta do final de 1871 e início de 1872 que Marx desistiu de ter Keller como tradutor. O aviso de que ele atrasaria a tradução da obra porque precisava antes acabar a de um livro de medicina foi aparentemente a gota d’água (cf. Marx in Bouffard et al., 2018, p. 77).

Pouco depois, com a intermediação da filha e do genro de Marx, Laura e Paul Lafargue, foi encontrado o editor: trata-se de Maurice Lachâtre. Lafargue comenta com Engels ter sido “graças a um refugiado da Comuna [o próprio Lachâtre] seduzido por Laura que chegamos a encontrar esta *rara avis*: um editor” (in Gaudin, 2018, p. 23). Lachâtre, Paul e Laura estavam hospedados no mesmo andar e estabelecimento

(*Hôtel de France*), em San Sebastián, na condição de exilados, depois da derrota impingida à Comuna de Paris (Lachâtre in Bouffard et al. p. 85).

O contrato celebrado com o editor para a publicação da obra foi assinado em 13 de fevereiro de 1872^{xx}. Marx considerava indispensável que fosse uma edição “popular barata”; fez então inserir uma exigência no contrato, uma cláusula que impunha ao editor a obrigação de publicar uma edição acessível às “pequenas bolsas”. Para Marx estava em primeiro plano que a obra fosse financeiramente acessível à classe trabalhadora.



Entre les Soussignés,

M^r Karl Marx, homme de lettres, demeurant à Londres, N^o 1, Meiland
Sark Road, N. W.
et M^{rs} Maurice La Châtre et C^{ie}, éditeurs, Boulevard Sébastopol N^o 38, à Paris.

Il a été dit et convenu ce qui suit.

M^r Karl Marx a offert à M^{rs} Maurice La Châtre et C^{ie} qui l'acceptent, de se charger de la publication en français de son ouvrage = *Le Capital* = à l'exception de tous autres éditeurs.

L'auteur exige que l'édition de son livre soit expressément sous une forme et à un prix qui mettent l'ouvrage à la portée des plus petites bourses; il a adapté le format, la justification et le prix des livraisons de l'histoire des Papes, par Maurice La Châtre, à 2 colonnes et à six centimes la livraison de huit pages de texte.

L'auteur se réserve le choix du traducteur, en lui attribuant une rémunération de cinq centimes à quatre centimes par ligne, et au maximum une rémunération de quinze cents francs pour la traduction entière de l'ouvrage, qui seront payés par les éditeurs.

M^{rs} Maurice La Châtre et C^{ie} se chargent de tous les frais de la publication. Moyennant:

- 1^o Une participation en espèces d'une somme de deux mille francs qui leur sera remise à Paris par les soins de M^r Karl Marx quinze jours après demande.
- 2^o et le droit de faire un tirage à dix mille exemplaires ou plusieurs tirages s'élevant à ce chiffre, les passes doubles en plus, sans droits à payer à l'auteur.

A partir du huitième mille, M^{rs} Maurice La Châtre et C^{ie} payeront à M^r Karl Marx ou à ses ayants-droits un droit de demi centime par livraison au comptant, au moment ou s'effectuera le tirage, les passes doubles déduites, suivant l'usage.

Il sera mis à la disposition de l'auteur cent exemplaires de chaque livraison ou cent exemplaires brochés, selon les convenances, à titre gratuit, pour être distribués par ses soins à la presse française ou étrangère ou à des groupes d'ouvriers et d'ouvrières.

Fait double entre les parties qui ont signé après lecture le 13 février 1872.

Karl Marx. Approuvé l'écrivain ci-dessus.
Maurice La Châtre et C^{ie}

O contrato assinado por Karl Marx e Maurice Lachâtre, com a data de 13 de fevereiro de 1872. Fonte: Gaudin, 2019, p. 179.

Com a ajuda de Charles Longuet (que não muito depois se tornaria genro de Marx) foi afinal encontrado o tradutor: Marx se decide por Joseph Roy, que deveria traduzir a partir dos manuscritos da segunda edição alemã que lhe seriam enviados (Marx, 2010a, V. 44, p. 283 e 327; Gaudin, 2019, p. 81). O fato de Marx considerar que ele teve êxito em traduzir Feuerbach para o francês foi determinante para a escolha.

A interlocução de Marx com seu editor e com seu tradutor nunca foi simples. Uma razão era a distância deles em relação ao lugar de publicação e entre si: o autor estava em Londres; o tradutor, em Bordeaux; o editor, primeiro em San Sebastián, depois na Bélgica e, depois ainda, na Suíça; e a publicação da obra, ela se dava em Paris. Dirigindo-se a Marx em 17 de fevereiro de 1872, Lachâtre descreve vivamente esse quadro singular:

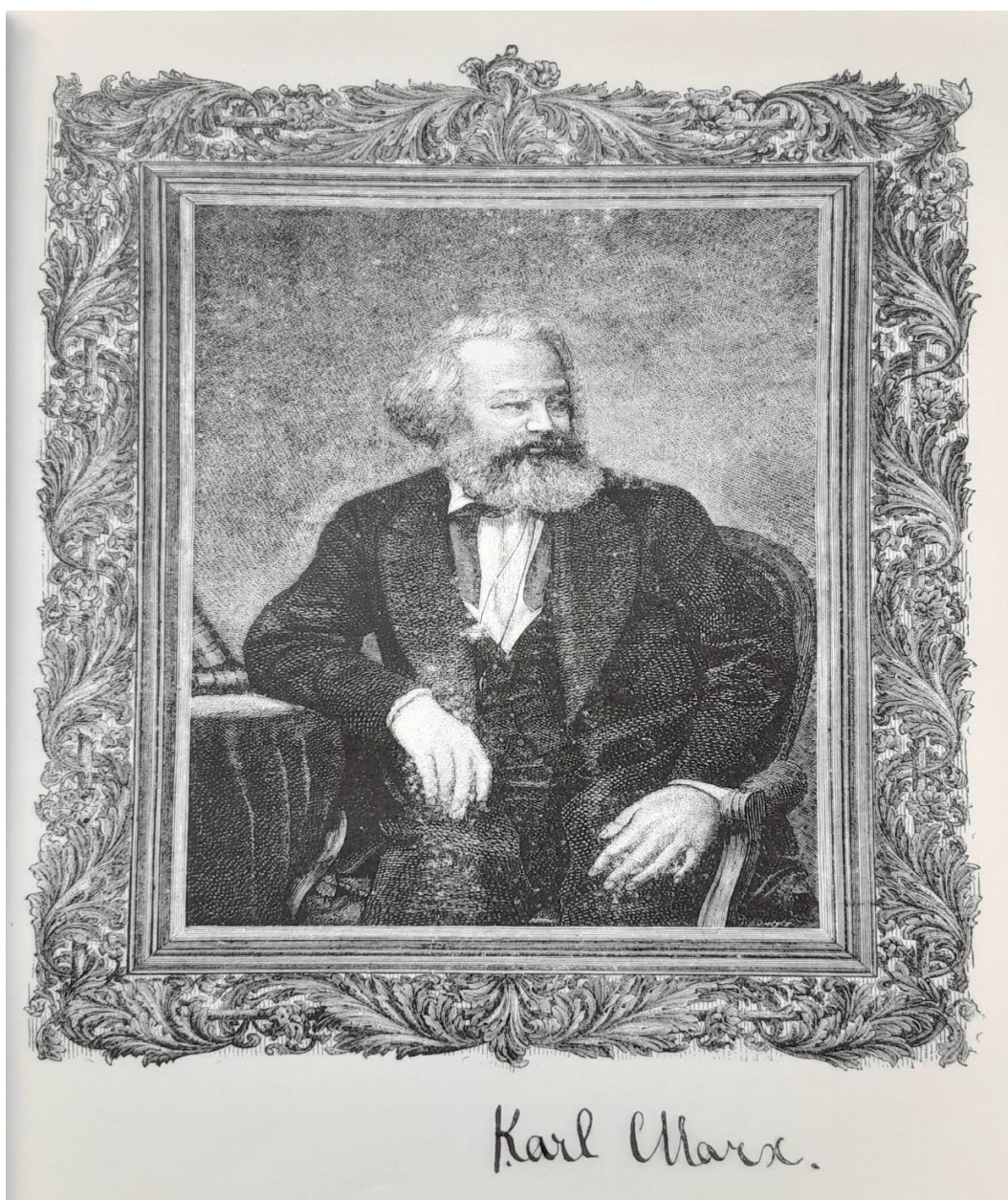
“Senhor e ilustre filósofo [...] Singular destino o que preside a criação deste livro, pois a tradução dele para o francês é uma verdadeira criação! O autor foi proscrito e vive em meio às brumas do Tâmis; o editor foi igualmente proscrito, escapou como que por milagre de três bandos de assassinos enviados para fuzilá-lo na infernal jornada do 24 de maio^{xxi}. Aquele que nos pôs em contato, vosso genro, também proscrito, carregado por todos os ventos da perseguição, seguido por vossa bem-amada filha e pela pobre e cara criança cuja frágil saúde vos causa a todos tantas inquietações” (Lachâtre in Bouffard et al., 2018, p. 75-76)

A distância entre os agentes envolvidos no processo de tradução, revisão e publicação do livro também foi depois destacada por Marx no final da edição francesa, em uma errata cuja presença justificou nos seguintes termos:

“Afastados do local de impressão o autor, o tradutor e o editor, tornou-se a correção definitiva do *Capital* bastante difícil. Deslizaram, pois, no correr da obra certas faltas que o leitor

retificará sem pena. A lista da errata concerne, salvo algumas exceções, apenas à primeira seção do livro [...]” (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 351).

Mas a distância entre todos os envolvidos não era o único obstáculo. As demandas trazidas pelo editor, Maurice Lachâtre, importunavam Marx, e a tradução demasiadamente literal de Joseph Roy, por quem Marx demonstrava ter mais apreço, acarretou enorme trabalho.



O retrato de Marx que foi publicado na obra, feito pelo pintor Adolphe Dervaux. Fonte: Marx, 2018, p. 05.

Com o editor, os conflitos tiveram causas as mais variadas: a insistência para a publicação de um retrato de Marx (o qual, vemos acima, efetivamente veio a aparecer na edição francesa - Marx, 2010a, V. 44, p. 347 e 578, p. ex.); os atrasos contínuos na publicação dos fascículos da obra, que se acentuaram a partir do momento em que a empresa de Lachâtre sofreu a intervenção do Estado, com a nomeação de um administrador judiciário que buscava postergar a publicação dos fascículos, o que faz com que Marx inclusive cogite processá-lo; também a falta de envio dos fascículos já impressos ao tradutor, a fim de que ele pudesse verificar as mudanças realizadas e adequar a tradução dos fascículos que seguiriam; mas, de tudo, destacaremos o diálogo sobre o teor de uma carta-resposta que seria subscrita por Lachâtre na publicação, já que ele contribui para iluminar como Marx pensava questões de método.

Tendo em mira a publicação da obra em fascículos periódicos, havia sido acordado que, para o primeiro deles, Marx iria escrever uma carta para ser publicada em fac-símile, servindo como um “prefácio” de próprio punho do autor - um autógrafo - o qual seria (e assim foi) seguido por uma carta-resposta de Lachâtre. Não só a mera presença na obra de uma resposta subscrita por Lachâtre, mas sobretudo o seu teor, contrariavam Marx. Ele teve, pois, que propor mudanças, a fim de que Lachâtre não expusesse aos leitores juízos errôneos acerca de sua obra e de seu modo de pensar.

Mas vejamos primeiramente o autógrafo, a carta que, em 18 de março de 1872, Marx escreveu para a publicação de seu editor:

“Londres, 18 de março de 1872.

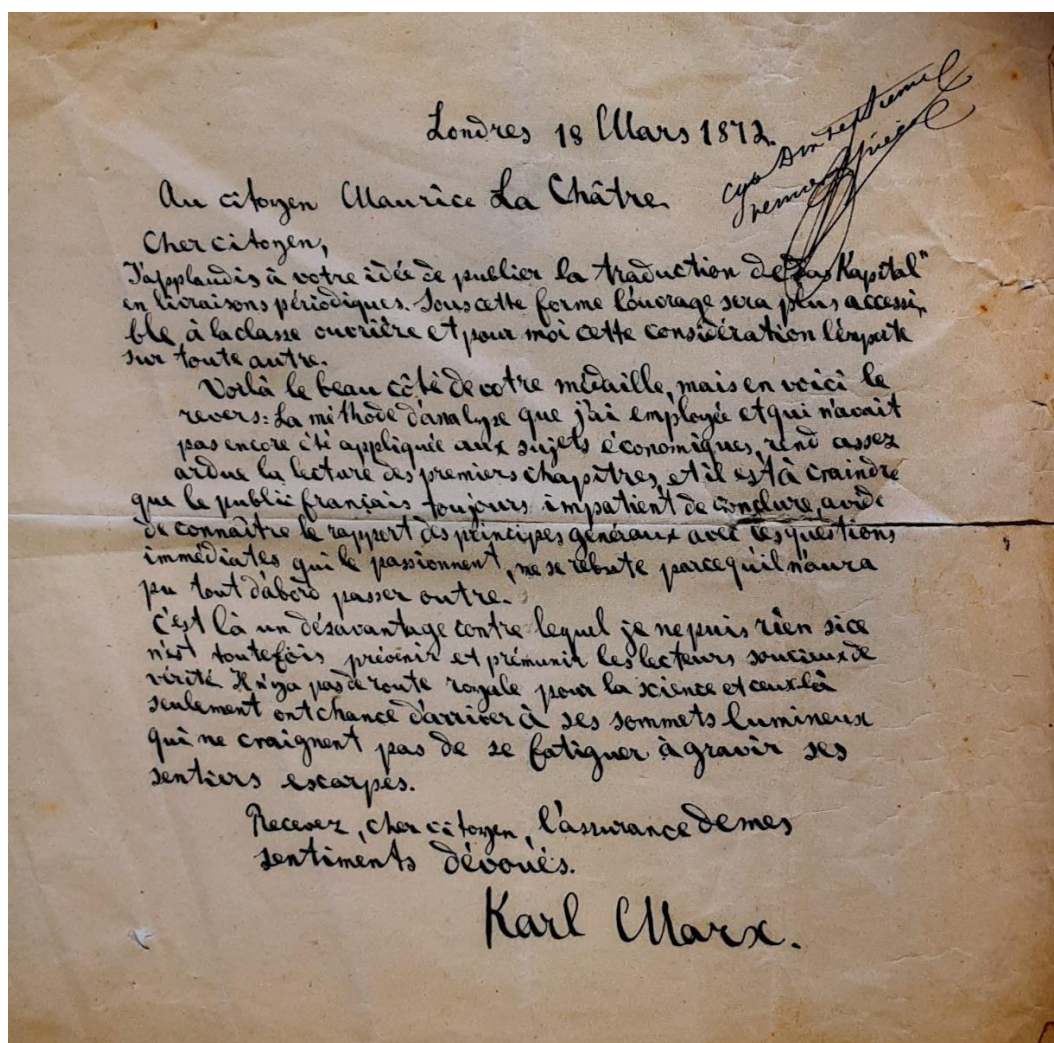
Ao cidadão Maurice La Châtre,

Caro cidadão,

Aplaudo vossa ideia de publicar a tradução de ‘*Das Kapital*’ em fascículos periódicos. Sob essa forma, a obra será mais acessível à classe obreira e para mim essa consideração

prevalece sobre todas as outras. Eis o lado belo da vossa medalha, mas aqui o reverso: o método de análise que eu empreguei e que não havia sido ainda aplicado aos temas econômicos, torna muito árdua a leitura dos primeiros capítulos e é de se recear que o público francês, sempre impaciente por concluir, ávido de conhecer a relação dos princípios gerais com as questões imediatas que o apaixonam, só se desencoraje porque ele não terá podido, antes de tudo, ir além.

Essa é uma desvantagem contra a qual eu nada posso dizer, a não ser todavia prevenir e premunir os leitores sequiosos de verdade. Não há rota régia para a ciência e somente tem chance de chegar aos seus cumes luminosos quem não temer fatigar-se galgando suas sendas escarpadas”^{xxii}” (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 07)



O autógrafo original de Marx. Fonte: Gaudin, 2019, p. 90.

Duas conclusões decorrem desse autógrafo de Marx: a primeira é que os principais destinatários da obra eram as classes trabalhadoras; a segunda, que Marx tinha ciência de que a obra comportava dificuldades, que se punham principalmente no seu início e decorriam do método empregado para tratar da matéria; incentivava o leitor enfaticamente, não obstante, a enfrentar e superar os obstáculos do caminho.

Tornemos agora para o diálogo acerca do teor da carta-resposta do editor.

Sugerindo a Lachâtre informações para colocar em sua resposta e esclarecendo aspectos da obra, Marx disse a ele, em 07 de março de 1872:

“Será útil dizer (de vosso lado), no primeiro fascículo, que a tradução foi feita segundo o manuscrito da segunda edição alemã, cuja publicação começará apenas em algumas semanas.

Cá entre nós. Meu editor alemão vos imita ao publicar a segunda edição em fascículos periódicos.

Espero que o livro não vos valha novas perseguições. O método é de todo diferente do aplicado pelos socialistas franceses e outros. Não tomo por ponto de partida ideias gerais, como a igualdade etc., mas começo, pelo contrário, pela análise objetiva das relações econômicas tais quais elas são e é por isso que o espírito revolucionário do livro não se revela senão gradualmente. O que receio, pelo contrário, é que a aridez das primeiras análises afaste o leitor francês...” (Marx in Gaudin, 2019, p. 85)

Depois, já ciente do esboço da resposta escrita por Lachâtre, Marx aponta um erro e propõe o conserto, assim dizendo ao seu editor, em 20 de março de 1872:

“No último parágrafo estão retificadas estas palavras ‘não se deixarão deter na sua leitura pela exposição de nossos métodos analíticos’. Há aqui um mal-entendido. Eu não exponho meu método, mas o aplico, mas sua aplicação, nos primeiros capítulos, à análise da ‘mercadoria’, ‘o valor’, ‘o

dinheiro’ é, pela natureza da própria coisa, um pouco difícil de seguir.

Mas é fácil mudar: ‘não se deixarão deter em sua leitura pela aplicação de nosso método analítico às primeiras noções de economia política que por sua própria natureza são muito abstratas’ – ou alguma coisa assim – teríamos com isso encerrado as preliminares...” (Marx in Gaudin, 2019, p. 97)

No dia seguinte, 21 de março de 1872, Marx desabafa com Lafargue:

“La Châtre é um charlatão abominável. Ele faz perder tempo com coisas absurdas (p. ex. sua carta em resposta ao meu autógrafo, na qual fui obrigado a lhe propor mudanças)” (Marx in Bouffard et al., 2018, p. 80).

Adiante segue a versão final da carta-resposta que Lachâtre enviou a Marx num “domingo de manhã”, dia 24 de março de 1872, (Lachâtre in Bouffard et al., 2018, pp. 81-82), e que foi publicada tal e qual na edição francesa (Marx, 1872/1875, p. 08):

AO CIDADÃO KARL MARX

[...]

Vosso livro “O Capital” vos atraiu tantas simpatias entre as classes obreiras, na ALEMANHA, que era natural que um editor francês tivesse a ideia de dar a seu país a tradução desta obra magistral.

A RÚSSIA antecipou-se à FRANÇA, é verdade, na reprodução desta obra importante; mas nosso país terá a feliz fortuna de possuir a tradução feita a partir do manuscrito da segunda edição alemã, antes mesmo de sua aparição na ALEMANHA, e revisada pelo autor.

A França poderá reivindicar a mais larga parte na iniciação dos outros povos a vossas doutrinas, pois será este nosso texto que servirá para todas as traduções que serão feitas do livro, na INGLATERRA, na ITÁLIA, na ESPANHA, na AMÉRICA, onde quer que enfim se encontrem homens de progresso, ávidos de conhecer e desejosos de propagar os princípios que

devem reger as sociedades modernas no velho e no novo mundo.

O modo de publicação que adotamos, em fascículos a dez CENTAVOS, terá esta vantagem, a de permitir a um maior número de nossos amigos adquirir vosso livro, não podendo os pobres pagar a ciência senão com o óbolo; vosso fim se achará atingido: tornar vossa obra acessível a todos.

Quanto ao receio que vós manifestais de ver os leitores deterem-se diante da aridez das matérias econômicas tratadas nos primeiros capítulos, o futuro nos ensinará se ele era fundamentado.

Devemos esperar que as pessoas que adquirirem vossa obra, tendo por objeto principal o estudo das doutrinas econômicas, não se deixarão deter em sua leitura pela aplicação de vossos métodos analíticos; cada uma delas compreenderá que os primeiros capítulos de um livro de economia política devem ser consagrados a raciocínios abstratos, preliminares obrigatórias às questões candentes que apaixonam os espíritos, e que não se pode chegar senão gradualmente à solução dos problemas sociais tratados nos capítulos seguintes; todos os leitores quererão vos seguir, – é a minha convicção, – até a conclusão de vossas magníficas teorias” (Lachâtre in Marx, 1872/1875, p. 08)

Percebe-se, pois, que era apenas sobre o último parágrafo da carta que incidia a objeção que Marx havia lançado, quando salientou que não expunha seu método na obra, mas sim o aplicava. Lachâtre então acatou a objeção de Marx e alterou aquele trecho como pedido. Agora, todo o restante da carta e, principalmente, a afirmação categórica de Lachâtre de que haveria de ser a edição francesa que serviria de referência para as traduções vindouras, não foi objeto de qualquer questionamento, evidenciando que Marx assentia com o que estava dito.

Uma vez que já acompanhamos a relação, algo conflituosa, do autor com o editor, vejamos aquela, mais compreensiva, que se desenvolveu entre o autor e o tradutor. Um desgosto compartilhado

quanto ao editor, menções a dificuldades no processo de tradução e publicação, problemas no recebimento dos fascículos impressos, atrasos na tradução por parte de Roy (que se casa no curso dela, depois de enfrentar dificuldades familiares - Roy in Bouffard et al., 2018, p. 83), essas são questões com que a correspondência de Roy com Marx lida. Destacamos aqui as que dizem respeito à tradução e publicação da obra.

Por exemplo, numa carta de Roy a Marx^{xxiii}, escrita no dia 14 de março de 1872, a fim de expor as dificuldades que enfrentava na tradução da obra, ele faz uma reflexão sobre as diferenças entre a língua alemã e as línguas latinas, nos seguintes termos:

““Não é que a tradução apresente dificuldades graves, mas ela apresenta uma multidão de pequenas que detém cada passo. Em princípio, o francês, em razão de sua proveniência do latim, contém uma multidão de palavras sem analogia para o ouvido e para a vista, ainda que o sentido que elas expressam seja análogo. Resulta disso que as correspondências entre as ideias não se reencontram na linguagem, e sob esse ponto de vista o alemão é bem superior. Vós sabeis disso tão bem e melhor que eu; mas, não obstante o vosso conhecimento perfeito da nossa língua, talvez não sentis, tão bem quanto nós, uma outra dificuldade, que não se vence facilmente. Em uma obra como a vossa, as mesmas palavras são necessariamente repetidas com muita frequência. Essa repetição choca com o ouvido, no francês, infinitamente mais do que no alemão, porque não se pode empregá-las tão facilmente onde se quiser” (Roy in Bouffard et al., 2018, p. 78/79).

Além de evidenciar que distinções entre os diferentes “grupos linguísticos”, por assim dizer, foram, ainda que incidentalmente, objeto da interlocução entre autor e tradutor, essa carta indica que a repetição das mesmas palavras era o aspecto que parecia mais incomodar Roy. Já a preocupação central de Marx era outra: ele via na literalidade demasiada o principal problema da tradução. Mas de início ele não havia

notado isso; aliás, quando os primeiros manuscritos (do capítulo I) traduzidos por Roy chegaram às suas mãos, Marx chegou a qualificar Roy como um “maravilhoso tradutor” (21/03/1872; Marx, 2010a, V. 44, p. 347) e até mesmo como um “tradutor perfeito”^{xxiv}. Pouco depois, porém, ele já reconheceria que esse problema despontava, mesmo que não deixasse de se referir elogiosamente ao trabalho de Roy, dizendo que: “Ele traduz muito literalmente nas passagens fáceis, mas mostra sua força nas difíceis” (01/05/1872-Marx in Gaudin, 2019, p. 100).

Assim, apesar de uma primeira impressão bastante favorável ao trabalho de Roy, à medida que os manuscritos traduzidos iam chegando às suas mãos, a atividade de revisão da tradução passava a tomar mais e mais do tempo de Marx. Além de revisar o teor do texto e a tradução, Marx também tinha que corrigir as provas dos fascículos e, por fim, conferir se o fascículo publicado estava ou não igual à prova corrigida. O procedimento era aproximadamente o seguinte: Marx enviava o texto base para Roy, que o traduzia e o devolvia a Marx, que revisava a tradução e a enviava para o estabelecimento de Lachâtre em Paris, que a encaminhava para uma primeira impressão que, feita, era remetida para a correção e conferência de Marx e de Lachâtre, que então a devolviam para que se fizesse uma segunda prova, que era remetida de novo a ambos, o que se repetiria até que não houvesse mais correções e Marx desse, afinal, seu aval para a publicação do fascículo (veja-se, por exemplo: Lachâtre in Bouffard et al. p. 78). A tudo isso ainda se somou, até meados de 1873, a correção das provas da segunda edição alemã.

O trabalho de revisão da francesa dava um “trabalho do diabo” para Marx (21/06/72 - Marx, 2010a, V. 44, p. 399), ainda maior do que se “tivesse que ter feito sem tradutor” (21/12/1872- Marx, 2010a, V. 44, p. 460). Marx trabalhava nela diariamente, até às 3hs da madrugada, praticamente sem sair de seu cômodo, segundo suas filhas Eleanor e Jenny (Marx, 2010a, V. 44, p. 576 e 584). Descontente, reclamava:

“frequentemente tenho que reescrever [as provas] completamente para tornar os assuntos claros aos franceses” (23 maio de 1872- Marx, 2010a, V. 44, p. 377). A tradução havia sido feita “muito literalmente” e isso o obrigava a reescrevê-la em grande parte (27/05/72 e 28/05/1872- Marx, 2010a, V. 44, p. 379 e 385).

O excesso de literalidade na transposição do alemão para o francês - única crítica dirigida por Marx à tradução - foi reconhecido até mesmo por Roy, quando em 02 de maio de 1872, disse a Marx:

“[...] A tradução talvez esteja excessivamente fiel, quero dizer, às vezes ela não se separa do vosso texto o bastante para conformar-se ao gênio de nossa língua; entretanto, acredito que a leitura não apresentará mais dificuldades do que a matéria comporta” (Roy in Bouffard et al., 2018, p. 83/84)

Assim, se juntarmos o que disse Marx com o que disse Roy a esse respeito, podemos dizer que uma tradução demasiado literal é aquela que, por não se afastar o suficiente do texto de origem, acaba em desconformidade com o gênio da língua de destino.

Mas como é que Roy poderia mudar seu modo literal demais de traduzir, se ele não recebia os fascículos depois da revisão de Marx? É isso que Marx cobrava de Lachâtre (e de seus prepostos), em 29 de março de 1873: que após a impressão final fossem enviados os fascículos para Roy (o que até lá não havia ocorrido), já que para ele “mudar seu modo de tradução” era imprescindível o “estudo dos fascículos impressos” (Marx in Gaudin, 2019, pp. 134 e 135).

Esses obstáculos todos que se interpuseram no caminho da publicação da edição francesa – os conflitos com o editor, as interrupções na publicação pelas mais variadas causas, a tradução literal demais – explicam porque Marx se referiu a isso tudo como “a experiência dolorosa que sofri para a tradução francesa do *Capital*” (06/11/1876-Marx in Bouffard, 2018, p. 98).

À vista do exposto, não é por acaso que, uma vez publicada a edição francesa, Marx ressalte já em sua frente que se trata de uma “tradução inteiramente revisada pelo autor”, bem como que reafirme, em cartas, e por mais de uma vez, que o que se lê na página do título não é “de modo algum [...] uma mera frase” (p. ex. Marx, 2010a, V. 44, p. 399), mas sim algo que ocorreu tal e qual dito.

V. Marx e o valor da edição francesa

Foram reiteradas as vezes em que Marx atestou o valor científico independente da edição francesa em relação à alemã, assinalando até mesmo certas partes em que a primeira era superior à última. Isso se deu tanto no curso da aventura editorial, como depois da publicação; tanto no âmbito privado (nas cartas), como no público (no Posfácio da 2ª edição alemã e no Aviso ao Leitor da francesa).

Por exemplo, em uma carta de 07 de março de 1877, Marx chamou a atenção de Engels para duas passagens d’*O Capital* – que tratam de questões importantes: as noções de trabalho produtivo e a maneira de considerar os fisiocratas – citando-as a partir da edição francesa, o que ele assim justificou: “Cito da edição *francesa* porque elas estão menos vagas aqui do que na original alemã^{xxv}” (Marx, 2010a, V. 45, p. 208).

Quando tratava de possíveis traduções para outras línguas (assunto do próximo tópico), ele também exaltava a edição francesa: “[nela] incluí muito assunto novo e melhorei bastante minha apresentação de muitos mais”; acrescentava ainda que, em prefácios às futuras traduções, haveria de se mencionar que “[a edição francesa] apareceu depois e foi revisada por mim” (Marx, 2010a, V. 45, p. 276 e 283, de 27/09/1877 e 19/10/1877).

Não surpreende, assim, que no curso da revisão da tradução - e da consequente reelaboração integral do texto - Marx tenha enfaticamente dito para Lachâtre:

“Não é, como você parece imaginar, meramente uma questão de detalhes e de correções menores de estilo; pelo contrário, eu tive, na realidade ainda estou tendo, que fazer praticamente a coisa toda de novo. Uma vez condenado a essa tarefa ingrata, eu acrescentei em diversos lugares alguns novos desenvolvimentos, o que dará à edição francesa – como eu ressaltarei incidentalmente no posfácio – um valor não possuído pelo original alemão” (23/07/74 – Marx, 2010. V. 45, p. 25/26)

O que Marx diz aqui é que fez “praticamente a coisa toda de novo” - e que coisa toda é essa senão a própria reescritura do livro, do único livro da sua obra maior que foi publicado no curso da sua vida? E não eram só as pequenas coisas ou as questões estilísticas que eram refeitas; eram também as grandes e as questões de teor científico, que em diversos lugares receberam novos desenvolvimentos. Está aqui caracterizado o valor científico próprio da edição francesa, “não possuído pelo original alemão”.

E como Marx havia anunciado, uma vez mais demonstrando que procedia de modo planejado, isso veio a ser realmente reafirmado ao final do livro, no Aviso ao Leitor, em que ele atestou:

“O Sr. J. Roy empenhou-se em dar uma tradução tão exata e a mais literal possível; ele cumpriu escrupulosamente sua tarefa. Mas esses mesmos escrúpulos me obrigaram a modificar a redação, a fim de a tornar mais acessível ao leitor. Esses remanejamentos feitos no dia a dia, pois que o livro se publicava em fascículos, foram executados com uma atenção desigual e acabaram por produzir discordâncias de estilo.

Uma vez empreendido esse trabalho de revisão, fui conduzido a aplicá-la também no teor do texto original (a segunda edição alemã), a simplificar diversos

desenvolvimentos, a completá-lo doutros, a dar materiais históricos ou estatísticos adicionais, a acrescentar apanhados críticos, etc. Quaisquer que sejam, pois, as imperfeições literárias dessa edição francesa, ela possui um valor científico independente do original e deve ser consultada até mesmo pelos leitores familiarizados com a língua alemã. [...]

Karl Marx, Londres, 28 de abril de 1875

(Marx, 1872/1875 e 2018, p. 348)

Descomplicar e completar desenvolvimentos, incluir materiais históricos e estatísticos, acrescentar apanhados críticos e o mais que houvesse - essas alterações todas efetuadas no texto francês deveriam ser, a partir dele, aplicadas então no texto alemão. Uma vez mais Marx faz evidenciar a independência do valor científico da edição francesa em relação ao da alemã - é o que obriga até mesmo aquele familiarizado com a língua alemã a consultar a edição francesa (caso queira seguir a recomendação do autor). E também o anúncio de eventuais imperfeições literárias e discordâncias de estilo reafirma a consideração do valor científico independente dela em relação à original alemã, porquanto de modo algum Marx se refere a imperfeições científicas, a discordâncias científicas, mas exclusivamente às literárias e de estilo.

Isso que consta nesse Aviso é ainda mais importante à vista do fato de que Marx o manteve na obra contra a vontade expressa de Lachâtre, que clamava a Marx que o suprimisse, pois considerava que o autor se adiantava ao trabalho dos críticos (Gaudin, 2018, p. 35). Vejamos nessa carta de 11 de junho de 1875 como Lachâtre recriminou a conduta de Marx:

“É lamentável, a meu ver, que fizestes um aviso aos leitores para chamar a atenção deles para as deficiências da tradução do Sr. Roy, e que pusestes os erros em relevo na errata, ainda indicando que havia muitos outros. Fazeis antecipadamente o serviço dos críticos e maculais vosso próprio livro. No meu entender, seria preciso igualmente fazer desaparecer essa advertência [o Aviso ao Leitor] e a nota

concernente à errata. Aliás, isso não tem propósito, não se dando os leitores jamais ao trabalho de consultá-las. Essa supressão vos faria ganhar uma página... (Marx in Gaudin, 2019, p. 160)

Essa divergência entre Marx e Lachâtre não só marcava com nitidez uma diferença de atitude quanto à honestidade intelectual e à fidelidade à verdade^{xxvi}, como também evidenciava, mais uma vez, a convicção plena que Marx tinha do valor próprio da edição francesa.

Ocorre que o Aviso ao Leitor (também o autógrafo) não foi reproduzido na 4ª edição alemã de Engels (Anderson, 2019, p. 265). Foi assim obliterada a única recomendação – e pública e expressa - que Marx fez ao *leitor* para que consulte uma edição da obra em outra língua, e ela não se dirige senão àquele que é familiarizado com a língua alemã, que deve então consultar a edição francesa. Como se vê, Marx não recomendou ao francês que consultasse a edição alemã da obra. Tudo a realçar a condição de obra autônoma de que é portadora a edição francesa.

Não fossem suficientes a ênfase do Aviso ao Leitor, seu caráter público e o fato de que Marx não abriu mão dele, não fosse isso tudo o bastante, ainda há a consonância com o que já antes havia sido posto à luz por ele mesmo, e também publicamente, no Posfácio da 2ª edição alemã, em 24 de janeiro de 1873:

“após ter revisado a tradução francesa, que se está publicando em Paris, **creio que várias partes do original alemão teriam exigido aqui uma reelaboração mais profunda, ali uma revisão estilística mais detalhada ou uma supressão mais cuidadosa de eventuais imprecisões**. Para tanto, faltou-me o tempo necessário, pois a notícia de que o livro se havia esgotado e a impressão da segunda edição teria de começar já em janeiro de 1872 chegou-me apenas no outono de 1871, quando me encontrava ocupado com outros trabalhos urgentes” (Marx, 2017, pp. 83-84, grifo meu)

A edição alemã é que seria modificada a partir da edição francesa, esta é que serviria de parâmetro para aquela. As modificações que se impunham incidiriam sobre o teor científico e até sobre o estilo da alemã: reelaboração de várias partes, revisão do estilo e supressão de imprecisões. Reelaborar, revisar, suprimir, simplificar, completar, acrescentar: são esses alguns dos muitos verbos que Marx emprega para descrever os efeitos que a edição francesa haveria de ter sobre a edição alemã.

Marx nos conta que não houve tempo hábil para levar a cabo essa empreitada para a segunda edição alemã; planejava, no entanto, fazê-lo para as seguintes (alemãs). Se Marx era categórico quanto à necessidade de modificar a edição alemã, o mesmo não pode ser dito quanto à francesa: decerto, nada há que indique que ele pretendesse alterar a própria edição francesa – o silêncio aqui é eloquente.

Ante o exposto, ao comparar as posições de Marx e Engels, é fácil verificar que a edição francesa não era para um o que era para o outro: se Engels tinha uma opinião negativa a seu respeito e a empregou principalmente como um piso, a fim de ver até que ponto o autor estaria disposto a ir quando tivesse que sacrificar na tradução o sentido original; já Marx – a cuja palavra deve ser atribuído um peso que corresponda à autoridade própria de quem é o único autor do texto – julgava-a favoravelmente, atestava seu valor científico independente e considerava que ela deveria necessariamente ser empregada como fundamento das traduções posteriores. E não se pode esquecer, como Engels mesmo afirma: que Marx “pesava cada palavra” que escrevia (22/05/1883- Engels, 2010a, V. 47, p. 26); que seus escritos evidenciavam “...o esmero sem par, a severa autocrítica com que se empenhava para dar a suas grandes descobertas econômicas o último acabamento, antes de divulgá-las...” (Engels in Marx, 1970, p. 02).

VI. Marx e as traduções posteriores à francesa

Ainda antes de concluída a publicação da edição francesa, Marx tinha em perspectiva o valor de uso que ela deveria desempenhar em traduções ulteriores; com efeito, ela já era indicada como base das traduções vindouras, o que, aliás, de modo algum surpreende, posto que até mesmo a edição alemã original haveria de ser modificada a partir dela.

O referido valor de uso da edição francesa já era assinalado em uma carta, de 28 de maio de 1872, que Marx dirigiu ao seu tradutor russo, Nikolai Danielson. Após elogiar a tradução do Livro I para o russo - “magistral” - e reiterar a crítica à excessiva literalidade da tradução francesa, Marx declarou então esta qualidade da edição francesa: a de ser a edição a partir da qual seria muito mais fácil fazer as traduções para as demais línguas românicas e para o inglês:

“Embora a edição francesa- (a tradução é do Sr. Roy, tradutor de Feuerbach) - tenha sido preparada por um grande especialista nas duas línguas, ele frequentemente traduziu muito literalmente. Encontrei-me, portanto, compelido a reescrever PASSAGENS inteiras em francês, para torná-las palatáveis para o público francês. **Posteriormente será muito mais fácil traduzir o livro do francês para o inglês e para as línguas românicas**” (Marx, 2010a, V. 44, p. 385, grifo meu).

É legítimo presumir que essa especial facilidade tenha dois fundamentos.

Um é a influência cultural francesa de então (a que também poderíamos ligar a posição do francês como língua internacional). É Eleanor Marx quem a enuncia quando, ao refletir sobre uma eventual tradução inglesa, escreve de Londres ao mesmo Nikolai Danielson, em 23 de janeiro de 1872, o seguinte:

“Estou muito esperançosa de que uma vez que a edição francesa d’*O Capital* tenha aparecido, uma inglesa logo seguirá – os ingleses macaqueiam tudo que os franceses fazem, apenas quando algo vem de *Paris* encontra sucesso aqui” (Eleanor in Marx, 2010a, V. 44, p. 576)

O segundo, aplicável ao âmbito das línguas românicas, é o parentesco linguístico. Ora, só o fato de Marx se referir a esse gênero “línguas românicas” (denominado por Roy de “línguas latinas”) já denota que o pertencimento dessas línguas a uma “família” comum entrou de alguma maneira na sua consideração. Vimos inclusive diferenças do alemão com esse grupo linguístico sendo abordadas no diálogo entre autor e tradutor, o que reforça o argumento. A partir dessa consideração, as traduções para o italiano, para o espanhol e para o português haveriam de ser feitas a partir do texto francês. Com efeito, o parentesco linguístico enseja esse caminho mais familiar.

Mas a razão que centralmente justifica e, mais, exige a tradução a partir do francês tem dois aspectos que se imbricam: o declarado valor científico independente da edição francesa e o fato de ela ser a última feita pelo próprio autor.

Vimos no tópico anterior como Marx atestou, sem deixar margem à dúvida, o valor científico independente da edição francesa, valor não possuído pela original alemã. Agora poremos em relevo o outro aspecto: trata-se da edição de última mão da obra.

Ora, se a francesa foi, de todas as edições publicadas, justamente a última vista, revisada e manejada por Marx; se foi ela, então, a última publicada em vida; se era a partir dela, também, que Marx pretendia revisar a 2ª edição alemã a fim de produzir uma terceira e uma quarta alemãs; disso tudo só pode decorrer que, dentre todas, a única edição de última mão do Livro I d’*O Capital* é a francesa. Esse atributo, assim, ela não compartilha com a 2ª edição alemã, nem com a 3ª ou a 4ª. Recorde-

se: quando se diz da terceira e da quarta edições alemãs, não se está a tratar das mãos e da cabeça só do autor, que é Marx, mas também das de Engels, que nelas atuou como editor póstumo.

Ainda a fortalecer a razão ora analisada há a seguinte circunstância a ela vinculada: a última revisão científica completa e pública do Livro I, feita pelo autor, deu-se *na edição francesa*. De fato, antes vimos que Marx ressaltou estritamente eventuais imperfeições literárias - cuja faculdade de corrigir ele franqueou aos leitores mesmos (e não aos editores) – sem que ferisse, porém, qualquer aspecto científico da obra revisada, isto é: não abriu mão de seu valor científico independente, não apontou a necessidade de rever seu teor e sequer aludiu à possibilidade de uma segunda edição francesa eventualmente revisada ou reformada.

De outro lado, Marx morreu sem que pudesse terminar a revisão da edição alemã. Não muito antes de sua morte, ele havia recebido a notícia de que estava para se esgotar a segunda edição alemã. Naquele momento, Marx sofria com sérios problemas de saúde e queria também “o quanto antes” terminar o Livro II, até para que nele pudesse inscrever uma dedicatória para sua esposa recém-falecida. Diante disso, seu plano era o seguinte: encaminhar rapidamente uma terceira edição, com tiragem reduzida (mil cópias, em vez das três mil que queria o editor) e “apenas o menos possível de alterações e adições”; uma vez esgotadas essas mil cópias, é que elaboraria a 4ª edição, em que iria “modificar o livro da maneira que deveria ter feito no presente sob diferentes circunstâncias”. É o que ele disse a Danielson no dia 15 de novembro de 1881 (Marx, V. 46, 2010, p. 161).

E não bastasse isso tudo, há ainda outra indicação pública e bastante direta de que a edição francesa seria a base das traduções futuras; ela está na parte final do texto da carta-resposta de Lachâtre, a qual, como vimos, foi objeto da detida atenção e mesmo da intervenção

de Marx. Ora, não disse Lachâtre que “será este nosso texto que servirá para todas as traduções que serão feitas do livro, na INGLATERRA, na ITÁLIA, na ESPANHA, na AMÉRICA, onde quer que enfim se encontrem homens de progresso...” (Lachâtre in Marx, 1872/1875, p. 08)? E Marx anuiu com o que foi dito.

Posta assim a premissa de que a edição francesa serviria de base necessária para as traduções posteriores, passemos às cartas em que Marx dirigiu recomendações a *tradutores*^{xxxvii} (em especial, do russo, do inglês e do italiano); nelas, ele prescreve procedimentos para as traduções, procedimentos que dizem respeito a como o tradutor haveria de operar com o seu material principal de trabalho, isto é, com quais edições da obra deveria trabalhar e de que modo cada uma deveria ser considerada.

Primeiro, ao tratar de uma segunda edição russa do Livro I d’O Capital, (a anterior havia sido feita a partir da primeira alemã), Marx disse para Danielson, em 15 de novembro de 1878, o seguinte:

“Em relação à segunda edição do Capital, rogo anotar:

- 1) Eu desejo que as divisões em capítulos – e o mesmo vale para as subdivisões – sejam feitas segundo a edição francesa.
- 2) Que o tradutor sempre compare cuidadosamente a segunda edição alemã com a francesa, pois a última contém muitas mudanças e acréscimos importantes (ainda que, é verdade, eu também tenha sido às vezes obrigado – principalmente no primeiro capítulo – a aplinar o assunto em sua versão francesa) [...]

A crise inglesa que eu previ na nota da p. 351 da edição francesa finalmente eclodiu durante as últimas semanas. Alguns dos meus amigos – teóricos e homens de negócios – haviam me pedido para omitir essa nota porque eles pensavam ser infundada” (Marx, 2010a, V. 45, pp. 343-344)

Vemos que Marx continuou a postular a imprescindibilidade da comparação com a edição francesa, a qual é portadora de mudanças e

acréscimos que não constam da alemã. Comentou ainda incidentalmente que, por vezes e em especial no primeiro capítulo, teve que retirar relevos e sinuosidades do texto, aplanando-o. Quanto ao esqueleto do texto, isto é, sua divisão e subdivisão em seções e capítulos, deveria ser mantido o da última versão por ele revisada, da francesa. Note-se que as divisões e subdivisões das brasileiras estão de acordo com a edição alemã de Engels de 1890, que, por sua vez, não está conforme a essa recomendação de Marx. Curiosamente, na edição inglesa de 1886, Engels respeitou a estrutura da edição francesa de Marx.

TABLE DES MATIÈRES	
	Pages.
PRÉFACE.....	9
LIVRE PREMIER. — <i>Développement de la production capitaliste</i>	13
PREMIÈRE SECTION. — <i>Marchandise et monnaie</i>	13
CHAPITRE PREMIER. — LA MARCHANDISE.....	13
CHAPITRE II. — DES ÉCHANGES.....	34
CHAPITRE III. — LA MONNAIE OU LA CIRCULATION DES MARCHANDISES.....	39
DEUXIÈME SECTION. — <i>Transformation de l'argent en capital</i>	62
CHAPITRE IV. — FORMULE GÉNÉRALE DU CAPITAL.....	62
CHAPITRE V. — CONTRADICTIONS DE LA FORMULE GÉNÉRALE.....	66
CHAPITRE VI. — ACHAT ET VENTE DE LA FORCE DE TRAVAIL.....	71
TROISIÈME SECTION. — <i>Production de la plus-value absolue</i>	76
CHAPITRE VII. — PRODUCTION DE VALEURS D'USAGE ET PRODUCTION DE LA PLUS-VALUE.....	76
CHAPITRE VIII. — CAPITAL CONSTANT ET CAPITAL VARIABLE.....	85
CHAPITRE IX. — LE TAUX DE LA PLUS-VALUE.....	91
CHAPITRE X. — LA JOURNÉE DE TRAVAIL.....	99
CHAPITRE XI. — TAUX ET MASSE DE LA PLUS-VALUE.....	121
QUATRIÈME SECTION. — <i>Production de la plus-value relative</i>	135
CHAPITRE XII. — LA PLUS-VALUE RELATIVE.....	13
CHAPITRE XIII. — COOPÉRATION.....	140
CHAPITRE XIV. — DIVISION DU TRAVAIL ET MANUFACTURE.....	146
CHAPITRE XV. MACHINISME ET GRANDE INDUSTRIE.....	161
CINQUIÈME SECTION. — <i>Nouvelles recherches sur la production de la plus-value</i>	210
CHAPITRE XVI. — PLUS-VALUE ABSOLUE ET PLUS-VALUE RELATIVE.....	210
CHAPITRE XVII. — VARIATIONS DANS LE RAPPORT DE GRANDEUR DE LA PLUS-VALUE AVEC LA VALEUR DE LA FORCE OUVRIÈRE.....	224
CHAPITRE XVIII. — FORMULES DIVERSES POUR LE TAUX DE LA PLUS-VALUE.....	229
SIXIÈME SECTION. — <i>Le salaire</i>	231
CHAPITRE XIX. — TRANSFORMATION DE LA VALEUR OU DU PRIX DE LA FORCE OUVRIÈRE EN SALAIRE.....	231
CHAPITRE XX. — LE SALAIRE AU TEMPS.....	235
CHAPITRE XXI. — LE SALAIRE AUX PIÈCES.....	239
CHAPITRE XXII. — DIFFÉRENCE DANS LE TAUX DES SALAIRES NATIONAUX.....	243
SEPTIÈME SECTION. — <i>Accumulation du capital</i>	246
CHAPITRE XXIII. — REPRODUCTION SIMPLE.....	247
CHAPITRE XXIV. — TRANSFORMATION DE LA PLUS-VALUE EN CAPITAL.....	254
CHAPITRE XXV. — LOI GÉNÉRALE DE L'ACCUMULATION CAPITALISTE.....	269
HUITIÈME SECTION. — <i>L'accumulation primitive</i>	314
CHAPITRE XXVI. — LE SECRET DE L'ACCUMULATION PRIMITIVE.....	314
CHAPITRE XXVII. — L'EXPROPRIATION DE LA POPULATION CAMPAGNARDE.....	316
CHAPITRE XXVIII. — LÉGISLATION SANGUINAIRE CONTRE LES EXPROPRIÉS A PARTIR DE LA FIN DU QUINZIÈME SIÈCLE — LOIS SUR LES SALAIRES.....	325
CHAPITRE XXIX. — GENÈSE DU FERMIER CAPITALISTE.....	330
CHAPITRE XXX. — RÉACTION DE LA RÉVOLUTION AGRICOLE SUR L'INDUSTRIE. — ÉTABLISSEMENT DU MARCHÉ INTÉRIEUR POUR LE CAPITAL INDUSTRIEL.....	332
CHAPITRE XXXI. — GENÈSE DU CAPITALISTE INDUSTRIEL.....	335
CHAPITRE XXXII. — TENDANCE HISTORIQUE DE L'ACCUMULATION CAPITALISTE.....	341
CHAPITRE XXXIII. — LA THÉORIE MODERNE DE LA COLONISATION.....	343
AVIS AU LECTEUR.....	348
EXTRAITS DE LA POSTFACE DE LA SECONDE ÉDITION ALLEMANDE.....	348
ERRATA.....	351

FIN DE LA TABLE DES MATIÈRES

Paris. — Imp. H. Neiret, 22, rue de l'Abbaye

O índice da primeira edição francesa. Fonte: Marx, 2018, p. 352.

Com relação à nota mencionada por Marx, ele a inseriu nos extratos do “Posfácio da 2ª edição alemã” que fez constar da francesa; Marx modificou, portanto, na edição francesa, até o posfácio original da segunda edição alemã. Esse acréscimo, em forma de nota de rodapé, falta nas edições brasileiras, vez que feitas a partir da 4ª edição alemã de Engels (confira-se: Marx, Boitempo, 2017, p. 91; Marx, Civilização Brasileira, 2002, p. 29; Marx, Nova Cultural, 1996, p. 141; ausente também da edição inglesa de Engels, cfr. Marx, 1990, p. 27). Marx inclusive salienta que manteve a nota contra a vontade de amigos que leram a obra. É um elemento a mais para mostrar o vigor dessa edição.

Vejamos o teor dessa importante nota:

“O posfácio da segunda edição alemã data de 24 de janeiro de 1873, e só algum tempo depois de sua publicação é que a crise nele prevista eclodiu na Áustria, nos Estados Unidos e na Alemanha. Muita gente crê, incorretamente, que a crise geral foi por assim dizer descontada nessas explosões violentas mas parciais. Pelo contrário, ela tende ao seu apogeu, a Inglaterra será a sede da explosão central, cujo contragolpe se fará sentir sobre o mercado universal. (Marx, 1872/1875 e 2018, p. 351).

Retornando ao diálogo com Danielson, em 28 de novembro de 1878, pouco depois de rever uma vez mais a obra, Marx sugere:

“Na última semana fiquei impossibilitado de olhar o *Capital*. Agora o fiz, e achei que – salvo as mudanças que o tradutor deve fazer ao comparar a segunda edição alemã com a francesa – apenas muito poucas alterações são necessárias, as quais você encontrará adiante nesta carta. As duas primeiras seções (‘Mercadoria e Dinheiro’ e ‘A transformação do Dinheiro em Capital’) devem ser traduzidas exclusivamente do texto alemão...” (Marx, 2010a, V. 45, p. 346)

Marx aqui reitera a Danielson a necessidade de operar mudanças a partir da comparação com a tradução francesa, que continua explicitamente indispensável; acrescenta apenas a ressalva de que as

duas primeiras seções do Livro I deveriam ser traduzidas apenas a partir do alemão^{xxviii}.

E em relação a uma eventual tradução inglesa, como procedeu Marx? Começemos com o que ele disse a Sorge, em 27 de setembro de 1877:

“[...] A edição francesa consumiu tanto do meu tempo^{xxix} que eu mesmo não irei novamente colaborar, de modo algum, com uma tradução [...] Ele [Adolph Douai, o tradutor então aventado] deve sem falta, quando traduzir, comparar a 2ª edição alemã com a *edição francesa*, na qual eu incluí muitos assuntos novos e melhorei bastante a apresentação de muito mais. Há duas coisas que eu te enviarei *no curso dessa semana*:

1. *Uma cópia da edição francesa para Douai.*
2. Uma lista de lugares em que a *edição francesa* não deve ser *comparada com a alemã*, mas o texto francês utilizado como base única.

Em *Nápoles* o Sr. *Uriele Cavagnari* está preparando a edição italiana do *Capital* (a partir da edição francesa); ele está tendo o livro impresso às suas expensas e irá vendê-lo a preço de custo. Bom homem!”

(Marx, 2010a, V. 45, p. 276/277)

A edição francesa é novamente referida de modo positivo por Marx, que ressalta ter incluído diversos assuntos e melhorado a exposição; em outros termos, realizado progressos, por assim dizer, no conteúdo e na forma. A tradução para o inglês, inédita à época, haveria de ser feita cotejando a edição francesa com a segunda alemã, sendo que haveria lugares em que apenas a francesa deveria ser tomada como base. Marx aqui não indica que houvesse lugares em que apenas a edição alemã seria tomada como base.

Referiu-se ainda a uma pretendida edição italiana, cuja tradução seria feita apenas a partir da francesa, silenciando eloquentemente acerca de uma eventual necessidade de que fosse comparada com a

edição alemã, até porque ele já havia dito que a tradução para as demais línguas latinas a partir do francês seria “muito mais fácil”. E Marx pôs de novo em realce a necessidade de se fazer uma edição barata.

Tratando ainda do método de trabalho a ser empregado na tradução para o inglês, em nova carta a Sorge, no dia 19 de outubro de 1877, Marx diz:

“Junto dessa carta, estou te enviando o manuscrito anexo para Douai, caso ele esteja fazendo a tradução do *Capital*. O manuscrito contém, além de umas poucas alterações no texto alemão, indicações sobre onde é para o último ser substituído pela edição francesa. Na cópia de edição francesa destinada para Douai, também remetida para o seu endereço hoje, as passagens acima mencionadas no manuscrito estão marcadas. Achei o trabalho mais demorado do que eu havia pensado [...] Em caso de publicação, Douai deve dizer no prefácio que, além da 2ª edição alemã, ele utilizou a edição francesa, que veio depois e foi revisada por mim...” (Marx, 2010a, V. 45, p. 282/283)

Aqui vemos que o tradutor deveria, além de comparar cuidadosamente as edições, incorporar algumas mudanças feitas sobre o texto alemão da 2ª edição e também partir apenas do texto francês em certos lugares, em substituição ao alemão. Deveria, também, num prefácio, ressaltar o emprego, além da segunda edição alemã, também da edição francesa, nele expressando ainda duas de suas qualidades: a de ser posterior e a de ter sido inteiramente revisada pelo autor.

Não bastassem as palavras do autor nas cartas e na própria obra publicada (em prefácio, posfácio, autógrafo, aviso ao leitor e no corpo dela), os relatos que John Swinton, jornalista radicado nos Estados Unidos, apresentou do encontro que teve com Marx, em agosto de 1880, em Ramsgate (cidade litorânea do sudeste da Inglaterra, a cerca de 120 quilômetros de Londres), servem também para mostrar a valia que Marx

conferia à edição francesa. São dois os documentos decorrentes desse encontro.

O primeiro é o relato publicado originalmente na primeira página do *New York Sun*, em 06 de setembro de 1880, e depois reimpresso na brochura *John Swinton's Travels; current views and notes of forty days in France and England* (Garlin, pp. 14 e 40-42; Swinton, 1880, pp. 41-45). Neste, o jornalista, de passado abolicionista e depois defensor das causas dos trabalhadores americanos, tido também como um poderoso orador^{xxx}, descreve o seu encontro com Marx e família, em um tópico que assim intitula: “O Homem de Terremotos - Karl Marx”. Ele conversou com Marx, dentre outras coisas, sobre a ausência de uma tradução ao inglês de sua grande obra, pintada na peça como um campo de sementes para muitas colheitas vindouras. Swinton então afirma o seguinte:

“De passagem, referindo ao seu *Capital*, [Marx] disse que qualquer um que eventualmente deseje lê-lo iria achar a tradução francesa muito superior em muitas maneiras ao original alemão” (Swinton, 1880, p. 43).

Sabemos que Marx aquiesceu com o que escreveu Swinton, já que lhe escreveu depois agradecendo o “artigo amigável no *The Sun*” e informando que naquele mesmo dia, 04 de novembro de 1880, havia remetido para ele “uma cópia da edição francesa do *Capital*” (Marx, 2010a, V. 46, p. 40)^{xxx}.

Tempos depois, Swinton se recordaria novamente do encontro marcante que teve com Marx. Isso se deu em razão de uma contenda que Engels teve com um tradutor não autorizado da obra, que se apresentava sob o nome de John Broadhouse^{xxxii} e estava publicando, parceladamente, uma tradução que Engels considerava ruim, uma vez que o sujeito teria “um conhecimento imperfeito do alemão, com um domínio débil do inglês”. Swinton então escreveu, em 29 de novembro de 1885, no *John Swinton's Paper*:

“Essa contenda traz à minha lembrança as observações a mim feitas sobre a tradução do Capital pelo próprio Karl Marx, quando com ele passei uma tarde na cidade inglesa de Ramsgate, cinco anos atrás. Perguntando-lhe por que não foi posto em inglês, como o fora em francês e russo, a partir do original alemão, respondeu que uma proposta para uma tradução em inglês havia chegado a ele de Nova Iorque, e então continuou a fazer observações que devem ser do interesse tanto de Broadhouse como de Engels. Disse que seu texto alemão era com frequência obscuro e que se constataria ser excessivamente difícil vertê-lo para o inglês. ‘Mas olhe a tradução para o francês’, disse enquanto me apresentava uma cópia da edição de Paris do ‘Le Capital’. ‘Ela’, continuou, ‘está bem mais clara, e o estilo, melhor que o original alemão. É a partir dela que a tradução para o inglês deve ser feita e eu quero que você diga isso para qualquer um em Nova Iorque que intente transpor o livro para o inglês. Eu realmente sofri muito revisando esta tradução francesa que foi feita por J. Roy; eu revisei cada palavra do manuscrito francês, e muito da linguagem, e tantas das passagens, tão difíceis de verter do alemão para o inglês, podem ser facilmente traduzidas a partir da versão francesa. Quando for transposto para o inglês’, repetiu, ‘que seja empregada a versão francesa’” (Swinton in Garlin, 1976, p. 43)

É nítida a harmonia que as observações de Swinton guardam com o modo com que Marx tratou a edição francesa, ressaltando a valia dela, o esforço nela inscrito, a revisão minuciosa empreendida e o valor de uso dela de alicerce para traduções posteriores.

VII. Conclusão

Diante de todo o exposto, convém aqui retomar, resumir e fixar o principal e incontroverso, a saber: que Marx atribuía à edição francesa um valor científico independente, não possuído pelo original alemão; que na edição francesa foram inseridos novos desenvolvimentos, efetuadas mudanças e foi melhorada a exposição de muito mais; que a edição francesa veio por último e foi por ele integralmente revisada; que Engels não incorporou na 4ª edição alemã inúmeros acréscimos, alterações e reformulações da edição francesa, a última em que Marx pôs as mãos; que não há notícia de que Marx tenha pensado em alterações de conteúdo na edição francesa ou apontado a necessidade de uma nova edição francesa; que Marx indica a necessidade de que o texto alemão seja modificado a partir do francês, e não o contrário; que Marx consumiu muito tempo e energia na elaboração da edição francesa; que a edição francesa ocupa um lugar autônomo nas obras de Marx.

Mas a conclusão resultante de todo esse excursão há de ter consequências práticas; com efeito, ela desemboca em duas propostas, as quais justificam o caminho aqui percorrido.

A primeira e mais importante é que seja disponibilizada ao leitor brasileiro – e, por que não, lusófono - a última versão da obra maior de Marx, com uma tradução direta do texto francês para o português^{xxxiii}. Essa edição haverá de observar uma preocupação crucial de Marx, que chegou a assumir a forma de uma cláusula contratual, isto é: será acessível às pequenas bolsas, barata, à preço de custo. Esta última consideração, disse Marx, prevalece sobre todas as outras.

Ora, como se poderia impor injustamente o obstáculo monetário a uma obra cujos destinatários devem ser, principalmente, as classes trabalhadoras? Sem o apossamento da obra, sem que se possa tê-la em mãos ou à vista, não pode existir a apropriação da teoria: pois fecha-se o

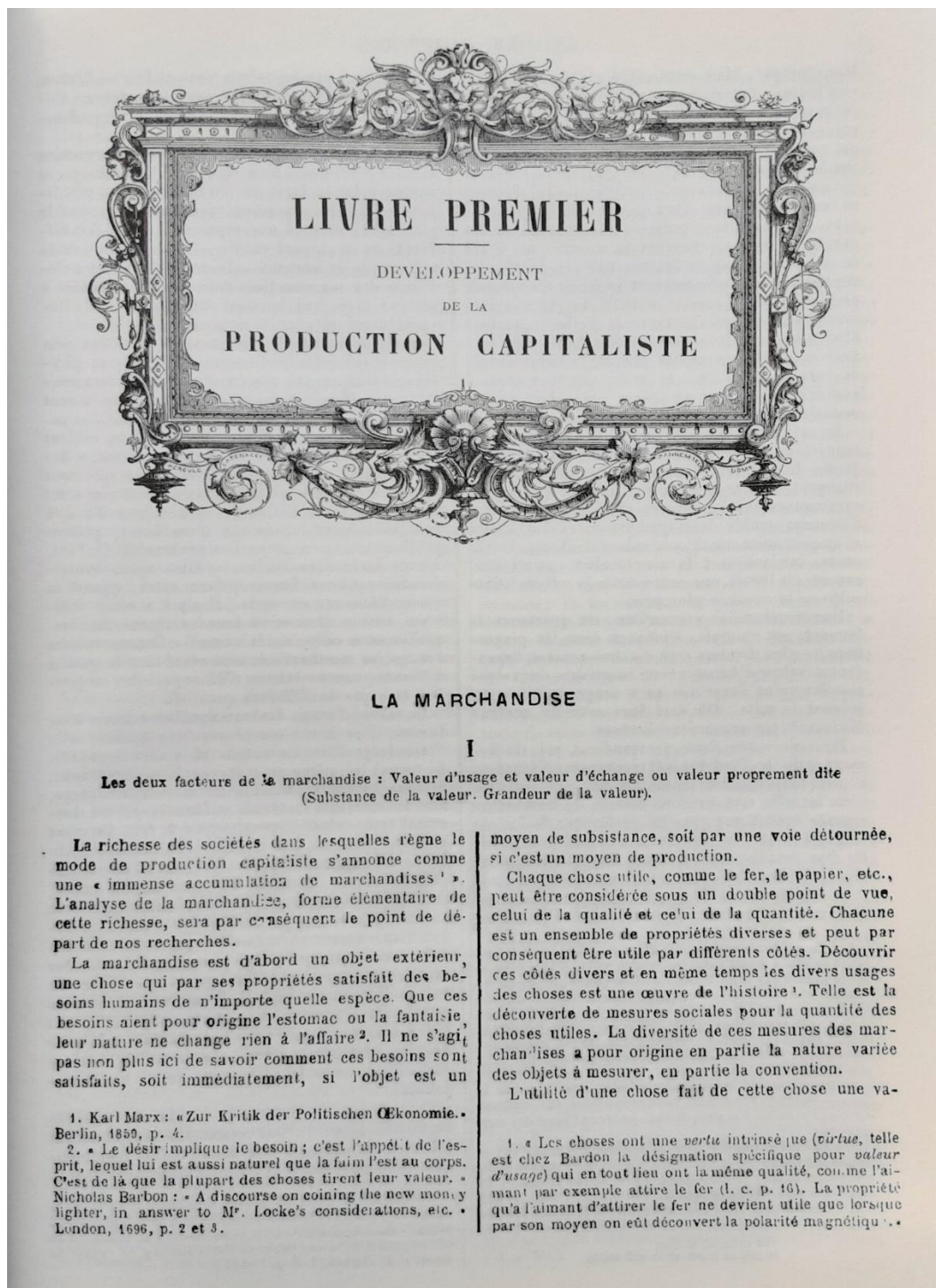
caminho da leitura, do estudo, do debate; pois interdita-se, a muitos, a própria condição de possibilidade para trilhar a senda escarpada da ciência, impondo um obstáculo material intransponível já à sua porta de entrada; mas quando se tem a obra em mãos, apresentam-se então os meios, os meios idôneos potenciais para que as armas da crítica, uma vez apropriadas, tornem-se força material, assim atando-se a orientação do conhecimento com a paixão da indignação (dizia Marx que o “pathos essencial [da crítica] é a indignação”- Marx, 2010b, pp. 147 e 151). A necessidade do conhecimento é novamente posta como imprescindível por Marx no documento inaugural da Associação Internacional dos Trabalhadores, quando alude à superioridade numérica das “classes trabalhadoras”: “Um elemento de sucesso elas [as “classes trabalhadoras”] possuem – números; mas números só pesam na balança se unidos por combinação e conduzidos por conhecimento” (Marx, 2010^a, V. 20, p. 12). A partir disso, pode-se dizer que, para Marx, são três os “elementos de sucesso” das classes trabalhadoras: um, que é dado objetivamente, é a superioridade numérica; os outros dois, que demandam construção, são a união por combinação (que também poderíamos chamar de associação) e a direção pelo conhecimento.

Assinale-se ainda que, de modo nenhum, o esforço ora proposto antagoniza com os valiosos trabalhos já feitos sobre a 4^a edição alemã, mas com eles se conjuga, sem sobrepor nem substituir.

Em segundo lugar, nada impede que, sempre com o intuito de agregar, também se reproduza por aqui uma parte do esforço crítico da MEGA^{2xxxiv}, com a publicação de traduções acompanhadas de aparatos críticos que se remetam às demais edições d’O Capital que Marx mesmo elaborou (além da francesa, a 1^a e 2^a edições alemãs) ou que explicitamente chancelou (a russa), bem como as editadas por Engels (a 3^a e 4^a edições alemãs, também a inglesa) o que permitirá ao leitor especializado dispor de valioso material para acompanhar e

compreender as modificações que cada um deles, autor e editor, efetuaram na obra, verificando-se, linha a linha, as adições, supressões e mudanças presentes em cada uma delas, inclusive para delimitar o que é de Marx e o que é de Engels.

É o que aqui se propõe.



A primeira página do Livro I. Fonte: Marx, 2018, p. 13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS^{xxxv}

ANDERSON, Kevin B. *The “Unknown” Marx’s Capital, Volume I: The French Edition of 1872-75, 100 Years Later*. Review of Radical Political Economics, Vol. 15:4, pp. 71-80, 1983.

_____. *On the MEGA and the French edition of Capital, vol. 1: An Appreciation and a Critique*. Beiträge zur Marx-Engels Forschung. Neue Folge. Berlin, Argument, 131-136, 1997.

_____. *Marx nas Margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. Tradução de Allan M. Hillani, Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. “Five explicit and implicit notions of revolution in *Capital*, Volume I, as seen from a multilinear, peripheral angle”. In: MUSTO, Marcello (org.). *Marx’s Capital after 150 years-Critique and Alternative to Capitalism*. New York: 2019, Routledge, pp. 197-207.

BASTIEN, Carlos. *Readings and Translations of Karl Marx in Portugal (1852-1914)*. [publicado originalmente no]The European Journal of the History of the Economic Thought. Taylor&Francis Journals. Vol. 23 (5), 2016, p. 794/813 (disponível apenas no site do EE-T Project Portal [tradutor não referido]).

BOUFFARD, Alix; FERON, Alexandre; FONDU, Guillaume. *L’édition française du Capital, une œuvre originale*. Le Capital, livre I- Présentation, Commentaires et Documents. Les Éditions sociales, pp. 07-12, 2018.

_____. *Les éditions françaises du Capital*. Le Capital, livre I- Présentation, Commentaires et Documents. Les Éditions sociales, pp. 43-72, 2018.

GARLIN, Sender. *John Swinton: American Radical (1829-1901)*. New York: American Institute for Marxist Studies, 1976.

GAUDIN, François. *Traduire Le Capital: une correspondance inédite entre Karl Marx, Friedrich Engels et l'éditeur Maurice Lachâtre*. Presses universitaires de Rouen et du Havre, 2019.

_____. *Traduire sous l'étouffoir: Maurice Lachâtre et l'édition française du Capital*. Le Capital, livre I- Présentation, Commentaires et Documents. Les Éditions sociales, pp. 17-41, 2018.

GRAßMANN, Timm. "Did Marx Relinquish His Concept of Capital's Historical Dynamic? A Comment on Fred Moseley". In: VAN DER LINDEN, Marcel; HUBMANN, Gerald (ed.). *Marx's Capital- An Unfinishable Project?*. Leiden: Brill, 2018.

GRESPLAN, Jorge. "About the Beginning and End of Capitalism. Observations on the Consequences Possibly Derived from the Discoveries of Mega". In: VAN DER LINDEN, Marcel; HUBMANN, Gerald (ed.). *Marx's Capital- An Unfinishable Project?*. Leiden: Brill, 2018.

HEINRICH, Michael. "New readings and new texts: Marx's Capital after MEGA2". In: MILIOS, John (ed.). *150 Years- Karl Marx's Capital: Reflections for the 21st Century*. Athens: Rosa Luxemburg Stiftung Office in Greece, 2018.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultura, 1999.

LISSAGARAY, Hippolyte Prosper Olivier. *História da Comuna de 1871*. Tradução de Sieni Maria Campos. São Paulo: Ensaio, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Digital Edition, Lawrence & Wishart, 2010 (a).

MARX, Karl. *Le Capital*. Paris: Maurice Lachatre et Cie, [1872/1875] <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1232830>>.

_____. *Le Capital*. Paris: Les Éditions sociales, 2018 [edição fac-similar da reimpressão da obra, em Paris, pela Librairie du Progrès, 1885].

_____. *Le Capital. Livre I*. Édition établie e annotée par Maximilien Rubel. Paris: Gallimard, 2008.

_____. *Capital, a critical analysis of capitalist production* [London, 1887]. MEGA2 II.9. Berlim: Dietz Verlag, 1990.

_____. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *O Capital: crítica da economia política: livro I*. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *O Capital: crítica da economia política: livro II*. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

_____. *O Capital: Crítica da Economia Política: Volume I: Livro I: O Processo de Produção do Capital*. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____. *O Capital (Livro I)- 1º Volume (1ª e 2ª Secções)*. Tradução de J. Teixeira Martins e Vital Moreira. Coimbra: Centelha, 1974.

_____. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Traduzido por Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. “Crítica à Filosofia do Direito de Hegel-Introdução”. In: Id. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010 (b).

MUSTO, Marcello. "Introduction-The unfinished critique of Capital". In: _____ (org.). *Marx's Capital after 150 years-Critique and Alternative to Capitalism*. New York: Routledge, 2019, pp. 01-35.

OUTHWAITE, William; SMITH, Kenneth. *Karl Marx, Le Capital*. Review of Radical Political Economics, Vol 52 (2), pp. 208-221, 2020.

OUTHWAITE, William. *Book Review: Karl Marx, Das Kapital, Neue Textausgabe. Bearbeitet und herausgegeben von Thomas Kuczynski. Hamburg: VSA, 2017, 800pp*. Journal of Classical Sociology, Vol. 19 (1), pp. 105-107, 2019.

RESIS, Albert. *Das Kapital Comes to Russia*. Slavic Review, 29 (2), pp. 219-237, 1970.

ROTH, Regina. "Editing the Legacy: Friedrich Engels and Marx's *Capital*". In: VAN DER LINDEN, Marcel; HUBMANN, Gerald (ed.). *Marx's Capital- An Unfinishable Project?*. Leiden: Brill, 2018.

RUBEL, Maximilien. *La première édition du Capital- Note sur sa diffusion*. Revue Historique, T. 239, Presses Universitaires de France, pp. 101-110, 1968.

SECCO, Lincoln. *Notas para a história editorial de O Capital*. Revista Novos Rumos, Ano 17, N. 37, 2002.

_____. *A propósito de Horacio Tarcus, La biblia del Proletariado. Traductores y editores de El Capital, Buenos Aires, Siglo Veintiuno Editores, 2018, 128 pp*. Políticas de la Memoria n. 19, Noviembre 2019.

SWINTON, John. *John Swinton's Travels: current views and notes of forty days in France and England*. New York: G.W. Carleton & Co., 1880.

VOLLGRAF, Carl-Erich. "Marx's Further Work on *Capital* after Publishing Volume I: On the completions of Part II of the MEGA²". In:

VAN DER LINDEN, Marcel; HUBMANN, Gerald (ed.). *Marx's Capital- An Unfinishable Project?*. Leiden: Brill, 2018.

****Rodrigo Maiolini Rebello Pinho é mestre em história pela PUC/SP.***

ⁱ Acerca da tradução russa, vejam-se as seguintes cartas: Marx-Engels, 04/10/1868 (Marx, 2010a, V.43, pp. 120-122), Marx-Danielson (inclui uma breve autobiografia de Marx), 07/10/1868 (Id., Ibid., pp. 123-125), Marx-Kugelmann, 12/10/1868 (Id., Ibid., p. 130), Marx-Danielson, 13/06/1871 (Marx,2010a, V. 44, pp. 152-153), Marx-Danielson, 09/11/1871 (Id., Ibid., pp. 238-240), Marx-César De Paepe, 24/11/1871 (Id., Ibid., pp. 262-264), Marx-Laura e Paul Lafargue, 24/11/1871 (Id., Ibid., p. 265). Um panorama sobre a tradução, a difusão e o impacto da obra no debate teórico na Rússia (onde também foram primeiramente traduzidos os demais livros da obra) está em Albert Resis, “*Das Kapital comes to Russia*” (1970), que também não deixa de caracterizar a situação sócio-econômica local em que a obra foi lançada e absorvida.

ⁱⁱ Bouffard, Feron e Fondu, organizadores da publicação recente de uma edição fac-similar da 1ª francesa (Marx, 2018), têm críticas ao que chamam de “versão Roy” (veremos que, na verdade, é uma *versão Marx*), mas não deixam de reconhecer que “a primeira tradução francesa do Capital” constitui “uma versão original do texto de Marx” que “não corresponde exatamente a nenhuma das quatro edições alemãs publicadas entre 1867 e 1890” (2018, p.11). Não por acaso, intitularam um de seus artigos de “*A edição francesa do Capital, uma obra original*” (2018, p. 07). É oportuno lembrar que há outros com uma opinião desfavorável à primeira edição francesa. É o caso do tradutor francês Jean-Pierre Lefebvre, do filósofo Jacques D’Hondt e do sociólogo William Outhwaite (Professor Emérito da Universidade de Newcastle). De outro lado, em acordo com o que se pretende demonstrar neste artigo, há por exemplo (cada um à sua maneira, claro) Kevin B. Anderson (Professor da Universidade da Califórnia), Jorge Grespan (Professor da Universidade de São Paulo e editor de novas edições brasileiras d’*O Capital*), Regina Roth, Carl-Erich Vollgraf, Timm Graßmann (os três últimos coeditores da MEGA² na publicação das edições e manuscritos d’ *O Capital*), Marcello Musto (Professor da Universidade de Toronto), Michael Heinrich (biógrafo de Marx e também colaborador da MEGA²) e o filósofo francês Jacques Bidet.

Bidet, aliás, manifesta aberta preferência pela edição francesa e indica que Marx teria inclusive, nesta edição, de certo modo limpado o texto de categorias hegelianas, teria, por assim dizer, ‘des-hegelianizado’ o Livro I. Trata-se de uma hipótese muito interessante de se investigar de modo mais aprofundado. Por fim, quero aqui agradecer ao Prof. Outhwaite que, num exemplo de solidariedade científica, gentilmente me encaminhou seus artigos sobre a matéria ora apreciada.

ⁱⁱⁱ Uma interessante história sobre essa edição: Marx dizia que o sucesso na divulgação da obra decorreria, em princípio, mais da agitação gerada em torno dela do que de eventuais leituras críticas, que demandariam mais tempo. Engels sugeriu então que, sob pseudônimos ou anonimamente, publicassem em jornais resenhas do livro, mas em tom crítico, sob um ponto de vista burguês ou reacionário. Marx indicou para Kugelman e Engels, executores da tarefa, o teor das críticas a se fazer: que escrevessem que o autor da obra realizava uma bela análise objetiva, mas que as conclusões que ele tirava a partir dela eram fantasiosas e tendenciosas (Rubel, 1968, pp. 104/107).

^{iv} Agora, uma sobre a edição russa: os censores permitiram que a obra fosse publicada porque tinham a convicção de que ela não seria intelectualmente acessível ao povo, censurando apenas a publicação do retrato do autor (Marx, V. 44, pp. 398-400 e 578, p.ex.).

^v A ideia de que uma língua possa botar uma camisa de força no pensamento, interditando-o, travando seu desenvolvimento, está em Engels, como se vê. Não está, porém, em Marx. Recordemos a propósito uma passagem de Marx, em *O 18 de brumário de Luís Bonaparte* (1852), na qual ele atribui a possibilidade de se expressar de modo livre ou original em uma língua muito mais ao sujeito que conscientemente se apropria dela do que a propriedades inerentes à própria língua: “...uma pessoa que acabou de aprender uma língua nova costuma retraduzi-la o tempo todo para a sua língua materna; ela, porém, só conseguirá apropriar-se do espírito da nova língua e só será capaz de expressar-se livremente com a ajuda dela quando passar a se mover em seu âmbito sem reminiscências do passado e quando, em seu uso, esquecer a língua nativa” (Marx, 2011, p. 26).

^{vi} Lembremos que há muito Marx escrevia em francês: é o caso, por exemplo, da *Miséria da Filosofia. Resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon* (1847) e do *Discurso sobre a questão do livre-câmbio* (1848). Passou, depois, também a escrever em inglês, como é o caso da *Guerra Civil na França* (1871) e de centenas de artigos de jornal.

^{vii} Não muito depois, porém, em 12 de julho do mesmo ano de 1893, diante de um manuscrito com a tradução da obra, Engels, de modo contraditório, mas mantendo sua apreciação negativa da língua francesa (que apresentaria menor liberdade de movimento do que a italiana), afirma: “Comparei algumas passagens, particularmente

do primeiro e penúltimo capítulos (tendência geral da acumulação capitalista). Como você diz, é traduzido inteiramente do texto francês, que continua a ser mais popular que o alemão. As passagens que eu comparei foram traduzidas de modo razoavelmente preciso, o que não é muito difícil dado que as duas línguas são muito proximamente aparentadas e a maior liberdade de movimento oferecida pelo italiano em comparação com o francês” (Engels, 2010a, V. 50, p. 161). A observação de que é mais fácil realizar uma tradução precisa quando se opera com línguas proximamente aparentadas deve ser realçada, pois Marx dirá algo semelhante ao tratar das línguas românicas (veremos adiante). Essa consideração, aliás, uma vez aplicável à tradução do francês para o italiano, pode ser estendida ao português, vez que todas derivam do mesmo tronco. Saliente-se ainda a observação de que a edição francesa de Marx era mais popular do que a alemã editada por Engels.

^{viii} Já dissera o mesmo numa carta a Sorge, em 29 de abril de 1886 (Engels, 2010a, Vol. 47, p. 439).

^{ix} Trata-se do empreendimento que visa à publicação das versões originais das obras completas de Marx e Engels, o que inclui as distintas edições d’*O Capital*. Sobre a MEGA, veja-se Heinrich (2018) e Anderson (2019, pp. 357-365).

^x Como lembra Michael Heinrich, o que há são “documentos textuais diferentes”, sendo que “Decidir qual variante de um texto é melhor, não é uma tarefa editorial, mas interpretativa...” (Heinrich, 2018, p. 19). Com efeito, é fundamental separar as tarefas do editor e do intérprete entre si e as de ambos em relação ao terreno próprio do autor. Em havendo mais de uma edição da obra, como é o caso, uma eventual preferência por uma delas até pode ocorrer ao intérprete, mas isso, ainda que possível e legítimo, não é de modo algum necessário. Com efeito, por que seria preciso preferir uma à outra ou decidir qual seria a melhor delas, se a combinação e o iluminar-se reciprocamente podem ser mais frutíferos? Ora, não se trata de uma escolha como a de Páris... Agora, o que realmente não deve ocorrer é o editor deixar preferências e escolhas interpretativas próprias deslizarem da sua cabeça para o texto, pois aí os distintos papéis acabam por se confundir, tudo a implicar uma metamorfose imprópria e silenciosa do editor em autor.

^{xi} “Foi árdua a tarefa de preparar para a impressão o livro segundo d’*O Capital*, de modo a ficar ele obra coerente e o mais possível acabada, e, além disso, obra exclusiva do autor e não do editor” (Engels in Marx, 1970, p. 01).

^{xii} Se não se deve adotar uma postura de temor reverencial, fechando os olhos para possíveis impropriedades, também não é o caso de dirigir um olhar maniqueísta à situação, apontando Engels como o “*bad guy*” da história editorial do *Capital* (Grespan, 2018, p. 55). Foi Engels quem tornou possível a publicação dos demais livros

da obra (reunindo e editando milhares de folhas manuscritas), o que levou a cabo com enorme esforço e sacrifício pessoal, inclusive de seus próprios trabalhos. Trata-se, isso sim, de distinguir Engels de Marx, de considerar que quando se diz de um não é sempre que se diz do outro e que eles assim não são “a mesma pessoa”, não conformam “uma entidade única” (Anderson, 1983, p. 79).

^{xiii} Quando partimos da edição francesa de Marx, é o termo *mais-valia* o que empregamos. Na *Encyclopédie*, o verbete “valia” consta assim: “VALIA, s. f. (Gram. & Jurisprud.) é a mesma coisa que *valor*; mas esse termo é usual apenas quando se diz a *mais-valia*, a *menos-valia*; a *mais-valia* é o que a coisa vale a mais do que ela foi estimada ou vendida; a *menos-valia* é o que ela vale a menos...” (verbetes de Antoine-Gaspard Boucher d'Argis, consultado em https://artflsrv03.uchicago.edu/images/encyclopedie/V16/ENC_16-826.jpeg). Em Bluteau, um sentido possível de “valia” é também o econômico (<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/1/valia>), tudo assim contribuindo para referendar o emprego do termo *mais-valia*. Sem deixar de levar em consideração a apreciação distinta que autor e editor tinham sobre a edição francesa, Grespan faz um balanço ponderado da tradução dessa categoria central no pensamento de Marx: “Primeiro, comentarei a importância da discordância entre Marx e Engels sobre a edição francesa de 1872 do *Capital* Volume I. Como Roth mencionou, Marx queria que a tradução francesa fosse usada como uma base das traduções para todas as outras línguas e, portanto, dedicou-se muito para a sua cuidadosa revisão, até reescrevendo algumas partes, ou escrevendo novas. Isso é muito importante atualmente, quando novas edições do *Capital* propõem mudar traduções tradicionais de conceitos chave, como ‘*surplus-value*’ [o texto de Grespan está originalmente em inglês].

Sabe-se bem que, até os anos 1970, havia na França pouca disputa quanto a empregar a tradução de Joseph Roy, que foi revisada e autorizada por Marx mesmo. No entanto, a nova tradução coordenada por Jean-Pierre Lefebvre, publicada pelas Edições Sociais em 1983, recomendava substituir ‘*plus-value*’ por *survaleur* como a melhor equivalente para a alemã *Mehrwert*, a fim de manter a raiz *valeur* a mesma que do alemão *Wert*. Isso, por seu turno, inspirou Pedro Scaron, o novo tradutor do *Capital* para o espanhol, a substituir a antiga *plusvalia* por *plusvalor* (na edição mexicana publicada pela Siglo XXI) [veja-se a observação abaixo]. E a nova terceira tradução do *Capital* no Brasil também prefere *mais-valor* à *mais-valia*. Marx, porém, deixou a expressão *plus-value* na primeira edição francesa. Foi corretamente traduzida como *valia*, não como *valor*, em espanhol e português, indicando que a questão não era tão decisiva quanto alegam os novos tradutores” (Grespan, 2018, p. 49). Sobre a vinculação da tradução de Pedro Scaron à edição mexicana da Siglo XXI, Horacio Tarcus, em comunicação pessoal, nos

fez saber que: 'Na realidade, a tradução de Scaron foi elaborada e publicada, primeiro, em Buenos Aires, pouco antes do golpe militar. Foi em seguida reimpressa no México e em Madrid, pois que, até 1984, era impossível fazê-lo na Argentina'. Será em breve publicada no Brasil a obra de Tarcus "*La biblia del proletariado. Traductores y editores de El Capital*". Agradeço a Tarcus pela observação precisa e a Lincoln Secco que mediou o contato.

^{xiv} Segue a íntegra do trecho suprimido: "Ela supõe, portanto, um modo de produção especificamente capitalista, que, com seus próprios métodos, meios e condições, só surge e se desenvolve naturalmente sobre a base da subsunção formal do trabalho sob o capital. O lugar da subsunção formal do trabalho sob o capital é ocupado por sua subsunção real.

Basta, aqui, uma simples alusão a formas híbridas, em que o mais-valor não se extrai do produtor por coerção direta e que tampouco apresentam a subordinação formal do produtor ao capital. Nesses casos, o capital ainda não se apoderou diretamente do processo de trabalho. Ao lado dos produtores independentes, que exercem seus trabalhos artesanais ou cultivam a terra de modo tradicional, patriarcal, surge o usurário ou o comerciante, o capital usurário ou comercial, que os suga parasitariamente. O predomínio dessa forma de exploração numa sociedade exclui o modo de produção capitalista, ao mesmo tempo que, como na Baixa Idade Média, pode servir de transição para ele. Por último, como mostra o exemplo do trabalho domiciliar moderno, certas formas híbridas são reproduzidas aqui e ali na retaguarda da grande indústria, mesmo que com uma fisionomia completamente alterada.

Se, por um lado, para a produção do mais-valor absoluto basta a subsunção meramente formal do trabalho sob o capital – por exemplo, que artesãos que antes trabalhavam para si mesmos ou como oficiais de um mestre de corporação passem a atuar como trabalhadores assalariados sob o controle direto do capitalista –, vimos, por outro, que os métodos para a produção do mais-valor relativo são, ao mesmo tempo, métodos para a produção do mais-valor absoluto. Mais ainda, a extensão desmedida da jornada de trabalho mostra-se como o produto mais genuíno da grande indústria. Em geral, tão logo se apodera de um ramo da produção – e, mais ainda, quando se apodera de todos os ramos decisivos da produção –, o modo de produção especificamente capitalista deixa de ser um simples meio para a produção do mais-valor relativo. Ele se converte, agora, na forma geral, socialmente dominante, do processo de produção. Como método particular para a produção do mais-valor relativo, ele atua: em primeiro lugar, apoderando-se de indústrias que até então estavam subordinadas apenas formalmente ao capital; ou seja, atua em sua propagação: em segundo lugar, na medida em que as

mudanças nos métodos de produção revolucionam continuamente as indústrias que já se encontram em sua esfera de ação.

Visto sob certo ângulo, toda diferença entre mais-valor absoluto e mais-valor relativo parece ilusória. O mais-valor relativo é absoluto, pois condiciona uma extensão absoluta da jornada de trabalho além do tempo de trabalho necessário à existência do próprio trabalhador. O mais-valor absoluto é relativo, pois condiciona um desenvolvimento da produtividade do trabalho que possibilita limitar o tempo de trabalho necessário a uma parte da jornada de trabalho. Mas quando observamos o movimento do mais-valor, desfaz-se essa aparência de identidade” (Marx, 2017, p. 578/579).

^{xv} Outras modificações do texto são indicadas e têm suas profundas repercussões teóricas examinadas, dentre outros, por Kevin Anderson e por Regina Roth (que também aborda algumas das intervenções editoriais de Engels que incidiram sobre o teor do texto dos demais livros da obra).

^{xvi} Essa “aventura editorial” tem seu caminho sinuoso e pleno de percalços descrito minuciosamente por François Gaudin (2018 e 2019), que com justiça a qualifica como “excepcional” e “singular”.

^{xvii} Documentos valiosos, as cartas permitem acompanhar o dia a dia do trabalho de Marx e compõem um quadro do ambiente nada etéreo em que vivia e produzia. Aparecem, entremeados ao desenvolvimento de questões teóricas, o esforço empregado na difusão de sua obra, as atividades político-administrativas na Associação Internacional dos Trabalhadores, as dificuldades financeiras, além de assuntos do círculo familiar (no período de que tratamos vão do casamento de uma filha à perda precoce de um neto) e pessoais (como notícias recorrentes de problemas de saúde - insônias, inflamações na vista, tosses, dores de cabeça, etc.). A própria vida de Marx parece ter confirmado o que ele disse no autógrafo da edição francesa (veremos adiante): a rota da ciência não é régia.

^{xviii} A assim dita emancipação do movimento operário em relação ao proudhonismo é um argumento também empregado por José Nobre França, operário tipógrafo da imprensa oficial portuguesa e secretário da Federação de Lisboa da Associação Internacional dos Trabalhadores. O pesquisador português Carlos Bastien, ao investigar a recepção das obras de Marx em Portugal, revelou o seguinte: “[José Nobre França] recebeu de Marx em 1873 [...] dois exemplares [de fascículos] da edição francesa (tradução de Joseph Roy) do Livro I [...] um dos quais com dedicatória pessoal. Paralelamente, chegaram à Lisboa, à Livraria Internacional, mais cerca de 150 exemplares que foram aí vendidos clandestinamente. A relativamente grande procura do livro deveu-se não só ao facto de Marx ser já então uma figura conhecida e

prestigiada nos meios progressistas portugueses mas também ao facto de muitos destes militantes marxistas verem nessa obra um instrumento de combate ao proudhonismo que continuava a influenciar a ‘mocidade literária’ (Carta de José Nobre França a Marx de 17.8.73[...])” (Bastien, 2016, pp. 06, 07 e 10).

^{xix} Esta nota *não consta das seguintes edições brasileiras: Marx, 2017, p. 256 (Boitempo); Marx, 2002, p. 212 (Civilização Brasileira); Marx, 1996, p. 298 (Nova Cultural).*

^{xx} Após o desinteresse da Biblioteca Nacional da França em ter consigo e disponibilizar ao público os originais das cartas trocadas por Marx com Lachâtre e com outros que participaram da impressão da obra em Paris, tanto as cartas como o contrato original para a publicação da obra foram leiloados no ano de 2018 (Gaudín, 2019, p. 10). As cartas foram alienadas por 160.000 euros; o contrato, por 121.600 euros (ver aqui: <https://www.barnebys.fr/blog/le-capital-de-karl-marx-pulverise-les-encheres>). É de François Gaudín o mérito de ter transcrito e preservado para o público o fac-símile desses documentos inéditos (Gaudín, 2019).

^{xxi} É assim que Lissagaray (1838-1901) resume esse dia: “QUARTA FEIRA, 24. OS MEMBROS DA COMUNA ABANDONAM O HÔTEL DE VILLE. O PANTHÉON É TOMADO. OS VERSALHESES FUZILAM OS PARISIENSES EM MASSA. OS FEDERADOS FUZILAM SEIS REFÉNS. A NOITE DO CANHÃO.” (Lissagaray, 1991, p. 254).

^{xxii} Há uma interessante similaridade aparente desse autógrafo com uma brevíssima passagem do Prefácio à 2ª edição da *Crítica da Razão Pura*, em que Kant diz “que as espinhosas veredas da crítica [...] não impediram as cabeças corajosas e lúcidas de se apoderarem dela” (Kant, 1999, p. 50)

^{xxiii} Lamentavelmente, as respostas de Marx às cartas de Roy parecem ter-se perdido (cfr. Bouffard et al., 2018, p. 79).

^{xxiv} “[...] Roy (Rua Condillac, 6, Bordeaux) é um tradutor perfeito. Ele já enviou o manuscrito do primeiro capítulo (eu lhe tinha enviado o manuscrito da segunda edição alemã para Paris)” (Marx in Bouffard et al., 2018, p. 80).

^{xxv} As passagens a que Marx se refere na carta estão nas pp. 219 e 258-259 da edição francesa (Marx, 1872/1875 e 2018).

^{xxvi} Em uma colaboração de Eleanor Marx com o jornal de John Swinton (que será mencionado à frente), ela salienta que Karl Marx (1818-1883) e Charles Darwin (1809-1882), ainda que figuras tão distintas - um levou uma “vida calma de descobridor científico, o outro a vida tempestuosa do revolucionário” - possuíam uma marcante qualidade comum: eram “ambos sempre verdadeiros consigo mesmos e com seus trabalhos” (Eleanor in Garlin, 1976, p. 22). Nesse mesmo artigo, aliás, ela indica a

interessante coincidência de terem sido as obras *Para a Crítica da Economia Política*, de Marx, e *A Origem das Espécies*, de Darwin, ambas publicadas no mesmo ano de 1859, cada uma operando uma revolução em seu próprio âmbito científico: a de Darwin, nas ciências naturais; a de Marx, na economia política. Sobre a caracterização d’*O Capital* como uma “revolução científica”, vide Heinrich, 2018, p. 18.

^{xxvii} Já lemos as que ele dirigiu a *leitores* da obra, tanto no Posfácio da 2ª edição alemã como no autógrafo e no Aviso ao Leitor, ambos da francesa.

^{xxviii} Essa ressalva deve ser vista no interior mesmo das circunstâncias em que ela foi posta, de modo que se deve ter em mente que: i) ela se dirigia apenas à segunda edição russa, sendo que a primeira fora “magistralmente” feita apenas a partir da edição alemã; ii) ela não foi feita publicamente, mas em âmbito privado e, ao que se tem notícia, não se reiterou; iii) na mesma carta em que recomendou que o tradutor de língua inglesa realizasse a cuidadosa comparação das edições, Marx louvou com naturalidade uma tradução para o italiano feita exclusivamente a partir do texto francês.

Assim, certamente não seria oportuno estender essa específica recomendação de Marx (que teve por objeto próprio apenas uma segunda edição russa) para qualquer outro contexto, propondo-se então que uma versão alegadamente definitiva demandasse a tradução das duas primeiras seções apenas a partir do alemão e o mais (que compõe cerca de 4/5 do Livro I) a partir da comparação com a primeira edição francesa. Impor-se-ia uma indesejável confusão de intérpretes e editores póstumos com o autor, implicando na criação de um outro texto, de um texto que não seria o do autor.

^{xxix} O pesquisador alemão Michael Heinrich registra como o trabalho de Marx voltado a publicação dos Livros II e III d’*O Capital* foi interrompido pela revisão e publicação da edição francesa: “Em 1871, Marx teve que interromper este trabalho. De um lado, a Comuna de Paris emergiu e Marx escreveu *The Civil War in France*; de outro, a primeira edição do volume um do *Capital* esgotou. Em vez de continuar seu trabalho nos livros dois e três, Marx começou a retrabalhar o livro um. A segunda edição de 1872/73 [a 2ª edição alemã] contém várias mudanças (especialmente na apresentação da forma-valor) e emendas. Além disso, uma tradução francesa do volume um foi iniciada. Marx acrescentou mais emendas e corrigiu esta tradução, que apareceu em partes separadas [fascículos] entre 1872 e 1875. Apenas a partir de 1875 pôde ele continuar seu trabalho nos livros dois e três” (Heinrich, 2018, pp. 20-21).

^{xxx} Em uma cerimônia dias depois da morte de Marx em Nova Iorque, reunindo milhares de pessoas, em que oradores discursavam nas mais diversas línguas, Swinton, um deles, exaltou a figura de Marx como alguém que deu “tudo para a humanidade” (Garlin, 1976, pp. 19/20).

^{xxx} Marx ainda pediu a ajuda de Swinton para denunciar na imprensa estadunidense as leis antissocialistas de Bismarck, bem como para organizar campanhas de arrecadação a fim de garantir a continuidade das atividades das organizações dos trabalhadores, manter vivos seus jornais e o serviço de mensageiros secretos, além de apoiar as famílias afetadas. Contou também ao seu correspondente que foi só depois de remeter o livro que soube que sua filha Eleanor havia recortado seu retrato da edição, pois achava que era uma mera caricatura, de modo que Marx comprometeu-se a enviá-lo, em seu lugar, uma foto. Swintou agradeceu o livro e disse que o guardaria “como um tesouro pela vida”, e a foto também foi enviada. (Marx, 2010a, V. 46, p. 41 e 93, 485; Garlin, 1976, p. 22).

^{xxxii} Em seus apontamentos para uma história editorial global de *O Capital*, o historiador Lincoln Secco explica que: “Em 1885 Henry Mayers Hyndman, sob o pseudônimo de John Broadhouse, traduziu alguns capítulos de *O Capital (To-day, a London Society Monthly)* motivando uma resposta de Engels...” (Secco, 2002, p. 10). A resposta de Engels foi dada em um artigo publicado em novembro do mesmo ano intitulado “Como Não Traduzir Marx”. Numa dura crítica, Engels denunciou enfaticamente a insuficiência de conhecimento do alemão e do inglês, a falta de coragem e o completo desconhecimento do significado de um trabalho científico sério por parte do pretense tradutor (Engels, 2010, V. 26, p. 335/340).

^{xxxiii} Foi feita uma tradução parcial para o português a partir da edição francesa por J. Teixeira Martins e Vital Moreira no ano de 1973, em Portugal, publicada no ano seguinte pela Editora Centelha. Nessa edição, de difícil acesso no Brasil, consta exclusivamente a tradução dos seis primeiros capítulos (as duas primeiras seções).

^{xxxiv} Como descreve Michael Heinrich: “Cada volume da MEGA² consiste de dois livros: um com os textos e o segundo (o aparato) com variantes, uma lista de correções editoriais, registros e explicações”, sendo que o “...volume um do *Capital* é apresentado em seis volumes diferentes, incluindo todas edições disponibilizadas por Marx (as primeiras duas edições alemãs e a tradução francesa, a qual ele corrigiu) e por Engels (a terceira e quarta edições alemãs, em que Engels incluiu partes das emendas da tradução francesa, e a primeira tradução inglesa, que ele corrigiu)...” (Heinrich, 2018, p. 19).

^{xxxv} É minha a tradução dos trechos que extraí das obras referidas em língua estrangeira nesta bibliografia (e.g. *Le Capital, Marx & Engels Collected Works etc*).